

A FORMAÇÃO DO ANARQUISMO URUGUAIO (1905-1952)¹

Ricardo Ramos Rugai

MOVIMENTO OPERÁRIO E ANARCO-SINDICALISMO: A FORU

O anarquismo uruguaio e as organizações da classe trabalhadora desenvolveram-se no início do século XX num país imerso num rápido processo de urbanização.² Em 1910 apenas 15% da população uruguaia era rural³, um índice totalmente atípico se considerarmos as estatísticas dos países latino-americanos nesta época.

José Batlle y Ordoñez somente conseguiu chegar ao poder na medida em que no princípio do século XX conseguiu consolidar a presença de um Estado protagonista na vida econômica do país. Apoiado em uma aliança de classes de caráter urbano - que excluía os latifundiários - limitou o poder destes últimos, implantou mecanismos de redistribuição progressiva dos ingressos, nacionalizou setores importantes, promoveu um aprofundamento e diversificação da estrutura produtiva e materializou um conjunto de reformas em âmbitos sociais básicos como na saúde, na moradia e na educação.⁴

A oligarquia rural perdeu o controle das riquezas nacionais porque sua base não era a agricultura, mas sim a criação de gado, realizada de maneira extensiva. Ora, esta atividade absorvia pouca mão-de-obra, sobretudo depois do processo de cercamento dos campos, daí o deslocamento de grandes massas para os centros urbanos e a precoce diminuição da população rural uruguaia. Este contingente urbano tinha necessidades de sobrevivência e reprodução enquanto força de trabalho, que abriam espaço para uma produção voltada ao mercado interno.

Paralelamente, nos primeiros anos do século XX, os preços dos produtos de exportação do país caíram devido à recessão no centro do sistema capitalista e isso diminuiu o poder da oligarquia junto ao Estado. Mas, o setor agrário, ao mesmo tempo que teve seu poder de barganha reduzido, não foi tão prejudicado como em outros países pois vendeu para este mercado interno, que absorvia a mão-de-obra migrante do campo para cidade. Isso por sua vez, apesar de amenizar suas desvantagens, colocou a oligarquia numa situação de maior dependência em relação à burguesia, expressa politicamente pelo batllismo.⁵

¹ Capítulo retirado da dissertação de mestrado do autor, intitulada “O Anarquismo Organizado: as concepções e práticas da Federação Anarquista Uruguaia (1952-1976)”. Campinas: UNICAMP, 2003.

² O Uruguai “(...) desde o princípio se incorpora ao sistema como uma economia agraria, na qual o meio urbano - neste caso Montevideu - assumirá um papel de fundamental importância.” Cf. ASTORI, Danilo. *La Política Económica de la Dictadura*. Montevideu: Banda Oriental, 1989. p. 111.

³ CORES, Hugo. *La Lucha de los Gremios Solidarios (1947-1952)*. Montevideu: Editorial Compañero/Ediciones de la Banda Oriental, 1989. p. 60.

⁴ ASTORI, op. cit., p. 112.

⁵ CORES, op. cit., p. 86-87.

O amplo processo de reformas políticas e sociais que foi conduzido por José Batlle, ainda que de forma intermitente nas duas primeiras décadas do século XX, não se deu por iniciativa espontânea de um setor da burguesia uruguaia. As reformas só podem ser completamente entendidas à luz das pressões exercidas pelo movimento operário uruguaio. As medidas propostas pela ação governamental *batllista* se procesaram num contexto de desenvolvimento do movimento sindical. O nascimento da “Federación Obrera Regional Uruguaya (FORU)” em 1905 produziu-se no marco da extensão do movimento grevista, que abarcou entre 1905 e 1906 quase todos os ramos de atividade, com a peculiaridade de que se estendeu a organização e a luta ao interior del país, onde o peso do proletariado era muito menor que em Montevidéo. Por estes fatos, pela ampla incidência da militância anarquista nesta confederação e pela origem anarco-sindicalista de uma parte da militância fundadora da FAU, o processo de formação da FORU merece atenção de nossa parte.

Em 1904 a iniciativa de se formar uma federação operária uruguaia foi formalizada. Neste momento existiam no Uruguai 38 sindicatos, a grande maioria na capital e alguns outros no interior, em cidades como Colonia, Mercedes, Paysandú e Salto. Formou-se a primeira federação por ramo, a “Federación de los Trabajadores del Puerto de Montevideo”, que catalizou diversos sindicatos de resistência como os embarcadores, carpinteiros, caldeiros, lancheiros, mecânicos, estivadores e carvoeiros.

Devido ao poder de mobilização e às diversas conquistas esta federação tornou-se referência para o conjunto dos trabalhadores e foi incumbida, em março de 1905, de convocar os demais sindicatos para um congresso com o objetivo de fundar uma federação nacional.

Desde o final do século XIX, os sindicatos que formariam a FORU em 1905 mantiveram uma intensa atividade organizativa e propagandística, protagonizando muitas greves de tom combativo.⁶ Destacou-se a greve dos ferroviários, na qual já figurava a reivindicação da jornada de 8 horas de trabalho. Porém, entre todas as greves a mais importante, tanto pelo peso do ramo para economia, quanto pela importância do sindicato, foi a greve dos marítimos. A proposta dos trabalhadores portuários foi rechaçada pelos patrões e englobava reivindicações de marítimos, lancheiros, foguistas, marinheiros, barqueiros de vapores, toneleros (carregadores dos tonéis embarcados), calafates, maquinistas e pescadores. Em assembléia os trabalhadores declararam greve geral, o porto foi cercado, a greve duramente reprimida, inclusive com trabalhadores mortos e feridos. Os patrões acusaram os operários de estarem sendo guiados por agitadores anarquistas, os políticos de direita quiseram importar a “lei de residência” à Argentina.⁷ No jornal *El Día* se escreveu: “Veêm nos contagiar com a quimera de uma humanidade nova, livre do preconceito nacionalista (...) o vírus desta escola nova, que deu a si mesma a ingrata missão de abolir o culto à patria e ressucitar a luta de classes (...)” e vão mais longe, fazendo afirmações bastante reveladoras “Se é muito destruidora a guerra civil, é mais destruidora ainda a guerra social (...)”. Uma grande campanha de ataque aos sindicatos de resistência foi desatada, o “elemento agitador” tornou-se um mito “elementos que não têm na República, nem residência fixa, nem interesses definidos: agitadores profissionais e de doutrina anárquica”. Segundo os historiadores Barrán e Nahún estas greves “alarmaram mais aos proprietarios montevideanos que a propria insurreição saravista de 1904”.⁸

⁶ No ano de 1905, meses antes da fundação da FORU, e em meio ao próprio processo de preparação do congresso, inúmeras greves aconteceram. No mês de maio estavam em greve cerca de onze mil trabalhadores: 3 mil marinheiros, 2700 estivadores, 2500 operários de La Teja, 1500 carvoeiros, 300 caldeiros, 200 calafates, 100 de outros ramos, totalizando 11200 trabalhadores em greve, um número expressivo se levarmos em conta o número de trabalhadores urbanos do Uruguai. Conforme MECHOSO, Juan Carlos. *Formación de la Clase Obrera Uruguaya*. Mimeo: Montevidéo, 2001.

⁷ Decretada em 22 de novembro de 1902, a qual estabelecia em seu artigo 2º que “quedaba el poder ejecutivo facultado para expulsar del país, sin juicio previo, a cualquier extranjero cuya conducta comprometa a seguridad nacional ou perturbe a ordem pública”.

⁸ BARRÁN, José Pedro. La ortopedia de los pobres. In: *Medicina y sociedad en el Uruguay del novecientos*. Tomo II. Montevidéo: Banda Oriental, 1993. p. 182.

O embaixador britânico no Uruguai avaliava que “as greves devem ser mais temidas no Uruguai que as rivalidades entre as frações políticas”.⁹ De janeiro a julho de 1905 estiveram em conflito cerca de 15 mil operários, 50% do proletariado da capital, o que foi, segundo o jornal conservador britânico *The Montevideo Times*, “a maior greve da história do país”.¹⁰

Notamos que a fundação da FORU não foi um simples ato de vontade de alguns militantes, mas resultado de um processo de amadurecimento da classe trabalhadora uruguaia, foi o momento em que pela primeira vez o movimento grevista chegou com força ao interior do país ¹¹, extrapolando os limites da capital. Em meio a este clima social, em agosto de 1905, numa reunião realizada no *Centro Internacional de Estudios Sociales*, foi fundada a *Federación Obrera Regional Uruguaya*, FORU. Seguindo a tradição de relações entre o movimento operário uruguaio e o argentino, participaram do congresso de fundação da FORU delegados da *Federación Obrera Regional Argentina*, FORA, que neste mesmo ano realizara seu 5^a Congresso, momento em que passou a predominar a linha anarco-sindicalista na Argentina.

A fundação da FORU (Federação Operária Regional Uruguaia) unificou a maioria do proletariado uruguaio.¹² Conviveriam a partir de então no Uruguai - sem jamais se unirem¹³ -, três centrais sindicais, a própria FORU, a UGT ¹⁴ de caráter socialista e a CUG ¹⁵, de linha democrata-cristã.¹⁶ No entanto, nenhuma delas chegou a fazer sombra para a FORU. Rama afirma que a FORU “constituía então uma verdadeira “central única” de trabalhadores, porém não por decreto governamental ou por alguma medida fascistoide, mas sim por vontade da própria classe operária”.¹⁷ A reivindicação principal da FORU naquele momento era a jornada de 8 horas de trabalho, que vários sindicatos já haviam conseguido nos últimos 10 anos. Porém, outras reivindicações também foram objeto de luta até 1911.¹⁸

A situação do movimento sindical argentino é de suma importância para a compreensão do movimento sindical uruguaio. A semelhança de nomes entre FORA e FORU era apenas a expressão simbólica de uma trajetória sindical muito próxima, que mesmo possuindo algumas particularidades, pode muito bem ser chamada de platense. Na construção dos laços de afinidade, um sindicato em especial teve papel fundamental: os marítimos e portuários. Pelas próprias características do serviço, estes trabalhadores levavam e traziam notícias, trocavam idéias e construíam canais de solidariedade real, afinal era através de seu trabalho que as duas margens do Rio da Prata entravam em contato. Também do exterior, sobretudo da Europa, chegavam através destes trabalhadores muitos dos informes e idéias circulantes. Por estas e outras características intrínsecas ao próprio trabalho, as federações dos marítimos desempenharam papel fundamental na construção da FORA e da FORU.

⁹ CORES, op. cit., p. 38.

¹⁰ THE MONTEVIDEO TIMES. Montevideú, 27 maio 1905.

¹¹ TOURON, Lucia Sala de; LANDINELLI, Jorge. 50 Años del Movimiento Obrero Uruguayo. In: CASANOVA, Pablo Gonzalez. *Historia del Movimiento Obrero en America Latina*. México D.F.: Siglo XXI, 1984. p. 254. 4 v.

¹² Estavam filiados à FORU, neste momento, os sindicatos mais combativos: a Federação dos Operários do Porto de Montevideú, com todas as categorias de filiados (tripulantes, estivadores, lancheiros, etc.), Federação dos Operários da Construção, Federação dos Pedreiros, Sociedade dos Operários do Cerro, Federação Metalúrgica, Federação dos Ferroviários, Federação Local de Salto e muitas outras. Nesta época, a FORU contava com 3 periódicos, *La Emancipación*, *La Federación* e *Solidaridad*. Cf. RAMA; Carlos Maria; CAPPELLETTI, José Angel. *El Anarquismo en America Latina*. Caracas: Ayacucho, 1990. p. LXV-LXVI.

¹³ ZUBILLAGA, Carlos. El Aporte de la Inmigración Italiana en la Conformación del Movimiento Sindical Uruguayo. In: DEVOTO, Fernando J.; MIGUEZ, Eduardo J. *Asociacionismo, Trabajo y Identidad Etnica: los italianos en la América Latina en una perspectiva comparada*. Buenos Aires: CEMLA/CSER/IEHS, 1992. p. 245.

¹⁴ *Unión General de los Trabajadores*

¹⁵ *Confederación de Uniones Gremiales*

¹⁶ ZUBILLAGA, op. cit. p. 273.

¹⁷ RAMA; CAPPELLETTI, op. cit., p. LXVI.

¹⁸ Supressão do trabalho noturno, abolição do trabalho por tarefa, responsabilização dos patrões pelos acidentes de trabalho, luta contra a carestia de vida, descanso semanal, higiene nos locais de trabalho, proibição do trabalho infantil, etc.

Devido a este forte vínculo e às decorrentes influências recíprocas entre o sindicalismo uruguaio e argentino é necessária uma breve incursão sobre o processo histórico da FORA. Desde a criação da *Federación Obrera Argentina* (FOA)¹⁹ em 1901, a afinidade entre o anarquismo uruguaio e o argentino cresceu.²⁰ Neste momento, o anarco-sindicalismo ainda não era uma realidade; a FOA, mesmo sendo criada por militantes anarquistas, não se definia como anarquista ou pregava propaganda de tipo libertária entre seus filiados. Pelo contrário, seus fundadores haviam feito todo o possível para criar uma entidade operária que abarcasse todos os trabalhadores sem distinção de raças nem de credos, sobre as bases da ação direta e da luta revolucionária.

No princípio, os socialistas já organizados em partido na Argentina, trabalharam em conjunto com os anarquistas e demais trabalhadores dentro da FOA, mas nutriam a esperança de influenciá-la para que se tornasse correia de transmissão do Partido Socialista. Com a frustração deste intento, os socialistas acabaram por se separar da federação em 1902, durante o 2º congresso, ficando os anarquistas com a maioria e prosseguindo com a sigla da FOA.²¹

Com a iniciativa de cisão dos socialistas estava inaugurada na história sindical argentina uma tradição de rachas que seriam recorrentes e contribuiriam sobremaneira para a ideologização e partidarização das organizações sindicais, dificultando dali para diante a unidade da classe trabalhadora argentina. Mesmo assim, a FOA cresceu muito com as greves de 1902, chegando a uma greve geral neste ano. As classes dominantes argentinas e o Estado, assustados com a ascensão operária, responderam com a chamada “lei de residência”. Além disso, o país viveu sob estado de sítio e a polícia praticou um novo esporte, a “caça ao anarquista”, protagonizada por bandos ultra-nacionalistas.

Quanto aos socialistas, já em 1903 fundaram a sua própria central sindical, a *Unión General de los Trabajadores*, a UGT; mais moderada, adepta de reformas parciais e trabalhando de maneira legalista. Para que tenhamos uma idéia da discrepância entre anarquistas e socialistas, basta lembrar que o Partido Socialista Argentino, fundado em 1896, propunha um “socialismo liberal”.²²

Em contrapartida à UGT, a FOA entrou num processo de radicalização mais profunda. Se antes da cisão simplesmente ignorava a atuação parlamentar, caracterizando-se como extra-parlamentar, passou depois a uma prédica nitidamente anti-parlamentar; da mesma forma se portou em relação ao legalismo. Também passou a demarcar mais claramente o objetivo revolucionário. Para todas estas mudanças não foi preciso nenhuma alteração nos documentos oficiais da FOA. Anteriormente, o tema do parlamento, por exemplo, era algo mais ignorado do que combatido pela FOA, o que facilitava a entrada de um operário, mesmo que este depositasse alguma esperança no parlamento. A partir deste momento, a pregação anti-parlamentar passava a exigir, mesmo que sem formalidades, um tipo de conduta diferente para os trabalhadores membros da FOA. Além disso, as teorias anarco-comunistas passaram a ser difundidas no próprio âmbito sindical com regularidade.²³

¹⁹ Fundada com cerca de 35 sociedades operárias, a FOA logo se viu envolvida numa onda grevista entre 1901 e 1902, na qual desempenhou papel relevante na agitação e organização operária. Cf. BAO, Ricardo Melgar. *Del anarcopetardismo a la primera huelga general: la FORA*. In: *El movimiento obrero latinoamericano: historia de una clase subalterna*. Madrid: Alianza, 1988. p. 187-168.

²⁰ O processo de organização operária no Uruguai também caminhou bastante neste período “(...) la organización avanzó desde 1900, cuando repercuten en el país las luchas de los trabajadores argentinos y se experimentan los efectos de la crisis que desde 1901, dificulta coyunturalmente la colocación de los saldos exportables. En esse momento se organizan más de 40 sindicatos, se editan 7 periódicos obreros y se suceden las huelgas incluyendo un buen número de ‘huelgas generales’. Es el comienzo del período de auge del anarquismo y del anarco-sindicalismo, que se extenderá hasta fines de la segunda década, manteniendo de manera excluyente el control de las centrales sindicales en el país. La gravitación de la ideología anarquista aumentó con la llegada de numerosos dirigentes que abandonan la Argentina ante la fuerte persecución (...)” Cf. SALA DE TOURON; LANDINELLI, op. cit., p. 253.

²¹ O congresso reuniu 76 delegados pertencentes a 46 sociedades operárias. Os anarquistas agrupavam naquele momento 7630 trabalhadores cotizantes, enquanto os socialistas contavam com 1780 trabalhadores. Cf. RAMA; CAPPELLETTI, op. cit., p. XXV.

²² BELLONI, Alberto. *Del anarquismo al peronismo*. Buenos Aires: Peña Lello, 1960. p. 43.

²³ RAMA; CAPPELLETTI, op. cit., p. XXV.

No que tange à concepção sindical, a afirmação do anarco-sindicalismo foi aos poucos tomando corpo na medida em que houve primeiramente a cisão com os socialistas, depois a radicalização de princípios libertários na FOA, e a seguir uma importante participação da FOA numa onda de greves, onde a federação inclusive cresceu numericamente. Tudo parecia confluir para explicar esta ascensão como obra de uma definição ideológica mais clara, da radicalização da federação; na mesma medida em que se minimizava a importância de uma central unificada dos trabalhadores, imaginando-se que uma central anarquista seria capaz de unificar os trabalhadores pela força do exemplo de sua prática, sem a necessidade de acordos e concessões a outras correntes. Esta parece ter sido, a nosso ver, a base real das propostas claramente anarquistas que logo a seguir foram aprovadas.

Uma mostra do crescimento da FOA é que no 3º congresso, realizado de 6 a 8 de junho de 1903, compareceram 80 delegados, revelando um aumento numérico significativo, uma vez que o último congresso, antes da cisão que causou uma baixa de cerca de 20% dos filiados, teve 76 delegados. No segundo semestre deste mesmo ano, a federação já contava com 42 sociedades operárias e 15.212 trabalhadores filiados.²⁴ Entre 30 de julho e 2 de agosto de 1904, ocorreu o 4º Congresso da FOA quando se resolveu mudar o nome para *Federación Obrera Regional Argentina* (FORA). Neste mesmo congresso foi aprovado o *Pacto de Solidaridad*, que seria a Base de Acordo tomada de empréstimo pela FORU em sua fundação.

Merece destaque a palavra regional incluída na sigla, cuja intenção foi afirmar de maneira bem clara que não se considerava a Argentina como um Estado ou unidade política, mas como uma região do mundo onde existiam trabalhadores. Também neste congresso de 1904 foi aprovada uma declaração onde ainda não se empregava claramente o termo comunismo libertário, entretanto faltava muito pouco para isso, pois os objetivos da FORA (ex-FOA) passavam a ser alcançar “(...) uma sociedade sem classes, sem propriedade privada e sem Estado (...)”, o que era praticamente o mesmo que o anarco-comunismo pregava.

Neste momento uma grande repressão se abateu sobre os trabalhadores argentinos e a proximidade entre Argentina e Uruguai teve grande importância. A pequena distância entre os dois países, a língua comum e as inúmeras semelhanças existentes entre eles permitiu que militantes fugindo da repressão se abrigassem, ora de um lado, ora de outro do Rio da Prata, e não somente na condição de um exilado relativamente isolado da vida social, mas como militantes ativos, que rapidamente conseguiam se vincular ao movimento operário e anarquista, conforme o caso. Isso já havia acontecido no período de dura repressão às greves de 1901 e 1902 na Argentina, quando muitos militantes passaram ao Uruguai, e se passou novamente em 1905, quando a repressão, o exílio e a fuga para o Uruguai foram mais intensos ainda.²⁵

A FORA criou um comitê de propaganda internacional contra a lei de residência que funcionou em Montevideu. Os anarquistas uruguaios, quando se intensificou a perseguição contra seus companheiros argentinos, se entregaram abertamente à campanha de ajuda aos exiliados e os acolheram em suas filas. Os anarquistas da Argentina se integraram rapidamente na atividade local e nas lutas dos trabalhadores uruguaios. Dezenas de militantes que atuavam na Argentina se fixaram no Uruguai, em meio ao processo de construção do congresso operário que fundaria a FORU e uma intensa agitação grevista em Montevideu. Muitos destes militantes haviam participado da FORA.²⁶

²⁴ Ibidem, p. XXVI.

²⁵ O governo argentino decretou estado de sítio. Foi desatada uma grande repressão aos anarquistas e muitos deles foram deportados para o Uruguai. O navio de guerra Maipú foi transformado em prisão e alojou uma boa quantidade de anarquistas. Depois da onda de deportações e prisões, terminou o estado de sítio, fato que os trabalhadores avaliaram como uma vitória e, por isso mesmo, decidiram realizar uma grande manifestação comemorativa. Foram reprimidos à bala, resultando em 3 mortos e 17 feridos segundo os dados oficiais. Uma vez mais se iniciaram as deportações e desta feita foram incluídos na lista negra todos os membros da redação do periódico anarquista *La Protesta*, que acabaram em Montevideu. Citado em MECHOSO, op. cit. p. 35.

²⁶ A concentração crescente de anarquistas exilados no Uruguai, desde a aplicação do estado de sítio na Argentina, nos meses de fevereiro a maio de 1905, e a integração nas atividades sindicais de operários deste país se expressou na imprensa

Enquanto isso, na Argentina, a FORA, mesmo em condições adversas, preparava seu quinto congresso e na central sindical criada pelos socialistas, a UGT, emergiu no 3º congresso em 1905, uma corrente “sindicalista revolucionária”, ou “sindicalista pura”, como se dizia, inspirada no tipo de sindicato da CGT francesa. Defendiam a greve geral “como meio eficaz para exteriorizar os protestos da classe trabalhadora”, e a autonomia em relação aos partidos políticos, num ataque direto ao Partido Socialista, que buscava capitanear a central neste momento. Fizeram uma proposta formal de unificação à FORA, que Alberto Guiraldo, e outros destacados militantes anarquistas da federação defenderam. A proposta foi apreciada no 5º congresso da FORA, em 26 de agosto de 1905, e foi rejeitada pela maioria. Este congresso contou com nada menos do que 53 sociedades operárias, 1 federação de ofício e mais 41 sindicatos da capital e do interior, foi o maior congresso já convocado pela FORA (incluindo os da antiga FOA).

A proposta de união com a UGT quase caiu no esquecimento uma vez que o tema que dominou o congresso foi a discussão em torno da proposta da Federação Operária Local de Rosário, que propunha a adoção do comunismo anárquico como princípio na FORA. Eis o texto literal do acordo aprovado em agosto de 1905:

“O Quinto Congreso da FORA, conseqüente com os princípios filosóficos que deram razão às organizações das federações operárias, declara: Que aprova e recomenda a todos seus aderentes a propaganda e educação mais ampla, no sentido de inculcar nos operários os princípios econômico-filosóficos do COMUNISMO ANÁRQUICO. Esta educação, impedindo que se detenham na conquista de transitórias melhoras materiais, lhes levará a sua completa emancipação e por conseguinte à evolução social que perseguem.”²⁷

Relacionando a questão com o Uruguai, vemos que a FORU foi fundada em estreita relação com a FORA, justamente no momento em que a federação argentina sacramentava a decisão de se converter numa organização sindical anarquista ou anarco-sindicalista. Vale a pena nos determos um pouco sobre esta questão. O sindicalismo na Argentina, anterior à chamada “FORA do V congresso”, não possuía qualquer caráter ideológico, e isso estava de pleno acordo com a concepção sindical derivada de Bakunin e construída na prática sob influência de Malatesta. Uma diferença essencial entre a concepção sindical anarco-comunista e a anarco-sindicalista era o caráter da organização sindical. Para Malatesta, assim como para Bakunin, o sindicato deveria ser combativo, mas não deveria ser anarquista, comunista, ou de nenhuma outra corrente política específica. O sindicato seria então um organismo da classe trabalhadora em seu conjunto, sem discriminação ideológica, para que pudesse atrair as massas. A orientação política do sindicato dependeria única e exclusivamente da influência e do peso que cada corrente conseguisse através de seu trabalho e de suas propostas.

O V congresso da FORA de certa forma impulsionou o que a seguir seria chamado de anarco-sindicalismo. Seria ingenuidade pensar que foi uma decisão tomada exclusivamente com base numa proposta elaborada após estudos, que aparece no congresso, é lida, discutida, aprovada e levada à prática, como se o anarco-sindicalismo somente passasse a existir após o V congresso da FORA. Tratou-se de uma tendência que já se esboçava na prática. Certamente a aprovação geral em congresso reforçou muito a posição anarco-sindicalista, mas o fato é que na prática já existiam sindicatos onde o

anarquista dos dois países. Na Argentina, *La Protesta* começou a publicar uma seção fixa sobre o movimento operário no Uruguai, assim que fez sua reaparição em 14 de maio de 1905. Esta seção informava com detalhes a atividade dos sindicatos operários e as numerosas greves de 1905 no Uruguai. Assim que foi decidida a greve geral dos trabalhadores portuários de Montevideú, em 24 de maio, que foi prolongada durante mais de um mês, *La Protesta* cobriu amplamente o fato e mostrava a grande solidariedade dos portuários de Buenos Aires, que se negavam a descarregar navios onde trabalhavam “fura-greves” montevidéanos. Cf. MECHOSO, op. cit., p. 35.

²⁷ RAMA; CAPPELLETTI, op. cit., p. 153.

anarquismo era propagandeado entre os trabalhadores de maneira aberta, abandonando a antiga combatividade neutra. Se estas práticas não tivessem existência prévia e boa receptividade, dificilmente se converteriam em proposta para um congresso, e sobretudo, jamais seriam aprovadas por consenso.

Avaliaram os anarquistas que os sindicatos mais combativos eram aqueles nos quais a influência anarquista era mais forte e concluíram que se o sindicato fosse anarquista seria possível tornar o movimento como um todo mais combativo, uma vez imbuído do ideal anarquista. Uma avaliação bastante questionável, que atribuía o grau de combatividade sindical mais ao conteúdo ideológico do que a outros fatores, como condições de trabalho, conjuntura, trabalho organizativo, etc. Mas independentemente de qualquer avaliação de nossa parte, o fato é que isso nos ajuda a entender esta guinada em direção ao anarco-sindicalismo.

A FORA sem dúvida foi um marco na história operária e do anarquismo na Argentina. No Uruguai, ao contrário da Argentina e do Brasil, a primeira federação de trabalhadores de âmbito nacional, a FORU, praticamente nasceu anarco-sindicalista. O chamado *Pacto de Solidaridad* da FORU, onde foram assentadas as bases orgânicas, princípios e objetivos da federação, são praticamente os mesmos que a FORA aprovava em 2 de agosto de 1904, no seu IV Congresso, e mesmo considerando que neste ano a FORA ainda não havia se definido formalmente pelo anarco-sindicalismo, esta linha já era uma realidade. No ano seguinte, a FORU já participou no V Congresso da FORA, e não apenas na qualidade de uma delegação observadora, mas de maneira ativa, chegando a apresentar propostas e debater pontos como qualquer outra delegação da região argentina. A proposta de que os sindicatos adotassem o comunismo anárquico como objetivo e fizessem propaganda e educação dos trabalhadores neste sentido, no próprio âmbito do sindicato foi apresentada pela *Federación Regional de Rosario*, e subscrita, junto a outros sindicatos, pela FORU. Os militantes que participaram daquele congresso relataram o entusiasmo que tomou conta de todos e a sensação vitoriosa que produziu o congresso, não apenas pela aprovação da resolução francamente libertária²⁸, mas também pelo sucesso da organização do congresso, sempre ameaçado de não acontecer devido ao clima repressivo.

BATTLE, O MOVIMENTO OPERÁRIO E O ANARQUISMO

No entanto, a trajetória da FORU e da luta de classes, no Uruguai, teve algumas marcas bastante diferenciadas se comparada à Argentina, sobretudo pelo tipo de intervenção estatal contra o movimento operário e anarquista. Não é possível explicar as relações entre batllismo e movimento operário na forma de uma relação em que as determinações se fazem num sentido único. Com isso afirmamos que o batllismo foi em grande medida resultante das pressões exercidas no processo de luta de classes pelo movimento operário uruguaio, no qual desempenharam papel fundamental os militantes anarquistas, a atuação deste movimento influenciará o tipo de Estado e o próprio desenvolvimento do capitalismo no Uruguai.

Por outro lado, é impossível negar que Battle facilitou o desenvolvimento do movimento operário segundo seus interesses. As reformas sociais e políticas que este promoveu aconteceram sob pressão de um movimento operário organizado e bastante combativo.²⁹ A postura de Battle, assumindo o direito à organização sindical, direito de greve, reduzindo a violência policial, enviando à câmara projetos de lei para alcançar a jornada de 8 horas de trabalho, à proteção ao trabalho infantil e da mulher³⁰ foi um fato totalmente distinto da postura dos governos de Brasil e Argentina no mesmo

²⁸ CHERRESKY, Isidoro. Sindicatos y Fuerzas Políticas en la Argentina Preperonista (1939-1943). In: CASANOVA, Pablo Gonzalez. *Historia del Movimiento Obrero en America Latina*. México D.F.: Siglo Veintiuno, 1989. p. 156. 4 v.

²⁹ CORES, op. cit., p. 38.

³⁰ TOURON; LANDINELLI, op. cit., p. 254.

período³¹, que chegou a suscitar reclamos por parte dos patrões ingleses ao deixar de reprimir com dureza as grandes greves de 1905 e 1906. Esta atitude do Estado em relação ao movimento sindical somente se explica quando levamos em conta a relação de dependência política que o Estado uruguaio manteve para com às massas urbanas em sua luta contra as frações latifundiárias. Gestou-se uma contradição que permaneceria vigente em toda a história posterior do Uruguai: a classe geradora de excedente não monopolizava o poder político, mas tinha que compartilhá-lo com o Estado, que por sua vez representava e se apoiava num acordo tácito entre os grupos urbanos.³² Portanto, não é possível compreender o programa de Batlle, nem medir o alcance que teve sem fazer referência à luta dos trabalhadores e suas organizações, além da divulgação de concepções revolucionárias.³³

Batlle pretendeu criar uma forte adesão popular para dar sustentação ao seu projeto político, lhe interessava até certo ponto, que um forte movimento operário pressionasse as classes dominantes do país, para que o Estado se mantivesse como sujeito capaz de harmonizar os conflitos, sempre com mais força do que os próprios capitalistas. O próprio Batlle expressava esta posição anti-classista de forma bem clara:

“Não creio que o bem do operário e o interesse da indústria e do capital sejam antagônicos. Creio, ao contrario, numa harmonia superior. E estou seguro de que me propondo, por um lado, a melhorar as condições de existência daquele, e por outro, o desenvolvimento destes, trabalharei pelo bem de todos (...) Nós nos chamamos *obreristas*, e não socialistas, em cujo conceito alguns querem que entre o da luta de classes, porque não aceitamos esta luta, que não pode levar senão ao predomínio absoluto e injusto da classe seja mais forte e à submissão da mais débil, fazendo embarcar os operários em aventuras às vezes desastrosas, que nem sempre são as de seus interesses.”³⁴

A primeira presidência de Batlle coincidiu com os primeiros anos de existência da FORU, que lutava pela redução da jornada e melhores condições de trabalho. Apesar de algumas categorias já terem alcançado esta conquista ainda em fins do século XIX, a grande maioria dos trabalhadores estava submetido a jornadas que variavam entre 12 e 16 horas diárias. Muitos sindicatos haviam conquistado a redução da jornada, alguns até as 8 horas diárias, quando apareceram no parlamento projetos referentes a esta problemática.³⁵ A reação patronal contra os projetos foi forte, segundos os empresários: “(...) o operário sempre é livre para eleger se aceita ou não os horários e a disciplina imposta pela empresa, a intervenção do estado limitando a jornada de trabalho atenta contra esta liberdade (...)”, a lei de 8 horas, segundo eles, “favoreceria a vagabundagem e os vícios, impediria o triunfo dos mais fortes e o são princípio da sobrevivência dos mais aptos, que é a condição indispensável do progresso material da sociedade.”³⁶

Esta foi a ideologia vigente àquela época, quando governantes, médicos e higienistas promoviam a disciplinarização social e da vida urbana, direcionada especialmente aos pobres, vistos como “sujos, ignorantes, promíscuos e alcoólatras”, devendo por conseguinte, ser objeto de profilaxia do corpo e da sociedade.³⁷ Dizia o periódico do Centro de Fabricantes de Ladrillos sobre a redução da

³¹ CORES, op. cit., p. 42-43.

³² ASTORI, op. cit., p. 112.

³³ MACHADO, Carlos. *Historia de los Orientales*. Montevideú, Banda Oriental, 1996. p. 24.

³⁴ EL DÍA. Montevideú, 30 nov. 1919.

³⁵ O projeto de Ricardo Areco em 1904, o de Carlos Roxlo y Luis Alberto de Herrera em 1905, e o do próprio Batlle y Ordoñez em 1906.

³⁶ CORES, op. cit., p. 41.

³⁷ BARRÁN, José Pedro. La ortopedia de los pobres. In: *Medicina y sociedad en el Uruguay del novecientos*. Tomo II. Montevideú: Banda Oriental, 1993. p. 12.

jornada de trabalho em 1911: “Limitar as horas de trabalho (...) é facilitar-lhes o caminho do vício e da corrupção.”³⁸

No entanto, Batlle expressava um setor da burguesia interessada na formação de uma democracia burguesa plena e de cidadãos aptos a exercê-la. Um deputado battlista, José Enrique Rodó, defendia a redução das jornadas com o argumento de assegurar tempo para: “a vida em família (...) e também para a vida cívica, para a participação consciente nos atos fundamentais da colectividade (...) as leituras próprias da igualdade democrática”.³⁹ Em resumo, os setores da classe dominante uruguaia mais conservadora e dos patrões com interesses econômicos mais imediatos eram francamente contrários a redução de jornada, enquanto outros setores da burguesia e do Estado, projetando interesses de médio e longo prazo, defendiam a redução de jornada e almejavam ocupar os trabalhadores com atividades cívico-partidárias. Quanto aos próprios trabalhadores, utilizavam o tempo livre para diversão e para a militância, uma vez que se gestou uma tradição de reuniões sindicais nos horários após o trabalho:

“Com a jornada de 8 horas o proletariado se educará, adquirirá novos conhecimentos da vida, criará aspirações e desejos novos e se preparará para novas conquistas (...) Podendo o operário viver mais a vida familiar, melhorando sua saúde, procurando tempo para sua educação e ilustração de seus filhos; com a jornada de oito horas poderá cuidar melhor de seus interesses preparando assim novos movimentos emancipatórios.”⁴⁰

O projeto de lei de Batlle reconhecia expressamente as conquistas de alguns sindicatos e as invocava como argumento a favor de sua aprovação: “(...) atualmente a jornada de oito horas foi conquistada por numerosos sindicatos entre nós (...)”, mais tarde, em 1911 (quatro anos antes da aprovação da lei), Batlle voltou a reconhecer que os trabalhadores “haviam conquistado a custa de greves o horário normal de 8 horas”.⁴¹

No entanto, entre a conquista das 8 horas de trabalho pelo primeiro sindicato em 1895 e a aprovação legal extensiva a todos os trabalhadores em 1915, um tortuoso caminho cheio de idas e vindas foi trilhado. Existiu uma relação muito clara entre o nível de luta dos trabalhadores e a agilidade na tramitação do projeto no parlamento. Nas fases de maior mobilização e ascensão de lutas, o projeto caminhava; enquanto nos momentos de maior desmobilização e repressão, o projeto permanecia engavetado, ou como diziam os uruguaios, ficava “durmiendo su siesta”. Mesmo nos períodos de luta, vários setores conservadores, inclusive dentro do Partido Colorado de Batlle, se opuseram de maneira tenaz à aprovação, seja de maneira aberta, seja através do uso de procedimentos parlamentares que obstruíam a tramitação do projeto. O debate parlamentar foi intenso e os opositores esgrimiram argumentos que certamente os credenciaria para uma antologia do disparate reacionário.

Apesar do período que corresponde às primeiras décadas do século XX ser conhecido como o primeiro período battlista⁴², existiram vários períodos de descontinuidade política no batllismo. A influência ideológica certamente foi algo permanente, mas houve um revezamento no poder político e alterações de diretrizes econômicas que, mesmo não modificando as linhas fundamentais das primeiras décadas tomadas em seu conjunto, geraram conjunturas bastantes distintas. O primeiro momento de interregno direitista foi durante a presidência de José Carlos Williman, de 1907 a 1911. A FORU se deparou com estas adversidades quando o governo adotou uma atitude política abertamente anti-

³⁸ SIERRA, Yamandú Gonzalez. Domingos Obreros en los albores del siglo XX: *itinerarios del tiempo libre*. In: BARRÁN, José Pedro; CAETANO, Gerardo; PORZECANSKI, Teresa. *Historias de la vida privada en Uruguay*. V. 2. Montevideo: Santillana, 1996. p. 203.

³⁹ SIERRA, op. cit., p. 207.

⁴⁰ Ibidem, p. 204.

⁴¹ Ibidem, p. 201.

⁴² O segundo seria nos anos 50 com Luis Batlle Berres.

sindical, francamente favorável ao capital inglês e à burguesia uruguaia. Basta ressaltar que Williman era o advogado dos empresários ferroviários ingleses.⁴³

A interferência inglesa era tão aberta que o chefe da polícia no governo de Williman foi um empresário inglês da construção, Jorge West.⁴⁴ Mas, o período do governo de Batlle havia oferecido a oportunidade que a FORU necessitava para consolidar sua organização e ganhar em força. Quando chegou o governo de Williman, a FORU, mesmo num ritmo menor, foi capaz de manter mobilizações.⁴⁵

Em 1908, aconteceu uma das greves mais importantes da história operária uruguaia, a dos *saladeros*⁴⁶ e já se esboçava uma mudança de atitude do executivo frente ao movimento operário, que se concretiza de maneira evidente durante a greve dos ferroviários em 1908. Neste caso tratava-se de uma companhia britânica, muito descontente com o tratamento dado aos trabalhadores pelo presidente anterior. O objetivo dos patrões ingleses era acabar com a *Sociedad de Resistencia de la Unión Ferrocarrilera*. O jornal *The Montevideo Times*, também de proprietários ingleses, afirmou que no conflito:

“Outro fator que contribuiu para a vitória foi a eficiente proteção dada pelo governo do Dr. Williman. Esta conduta brilha por contraste com a reprovável de seu antecessor. Por isso o Dr. Williman recebeu o agradecimiento formal dos representantes locais da Companhia Ferroviária, ao que se poderia agregar, em interessante aliança de todos os interesses conservadores, os de fora e os de dentro, o aplauso caloroso dos elementos respeitáveis e decentes do país.”

Além dos elogios do jornal, o presidente Williman foi cumprimentado diretamente pela embaixada inglesa em virtude da atitude “eficiente” diante da greve dos trabalhadores ferroviários organizados na *Sociedad de Resistencia de la Unión Ferrocarrilera*.⁴⁷ Ao término de seu governo de Williman foi amplamente aprovado pelos patrões ingleses.⁴⁸

No entanto, em 1911 Batlle voltou à presidência - eleito com 96 votos no colégio eleitoral, ou seja, por unanimidade⁴⁹ -, para um segundo mandato, período em que implementaria as reformas mais profundas de toda sua trajetória, sejam no plano econômico, político ou social, muito mais acentuadas se comparadas ao período 1904-1907. Ao assumir o cargo foi obrigado a fazer o discurso constitucional: “Juro por Deus, Nosso Senhor e os Santos Evangelhos (...)”, porém ao findar o discurso protocolar, Batlle dá vazão ao seu lado anticlerical, que foi uma marca deste segundo governo e se corrige: “Permiti-me que encerrado o compromisso constitucional, para mim sem valor, que acabo de cumprir, expresse de outra forma o compromisso: juro por minha honra (...)”⁵⁰

⁴³ MACHADO, op. cit., p. 9.

⁴⁴ Ibidem, p. 9.

⁴⁵ Em 1907, greves dos trabalhadores nas indústrias de vidro, sastres, metalúrgicos, marceneiros, telefonistas, gráficos, têxteis e sapateiros. Também no interior se registraram conflitos grevistas entre os trabalhadores da construção civil, em Mercedes e Trinidad, e também entre os trabalhadores das pedreiras de Carmelo.

⁴⁶ Nesta greve os trabalhadores alcançaram uma conquista que se tornará um símbolo uruguaio e que terá efeitos sobre o cotidiano e a cultura uruguaia: o direito de cada trabalhador em “saladero” ou frigorífico levar diariamente uma certa quantidade de carne para casa, 2 quilos nesta época. Cf. CORES, Hugo. *Uruguay hacia la dictadura: 1968-1973*. Montevideo: Banda Oriental, 1999. p. 26.

⁴⁷ THE MONTEVIDEO TIMES. fev. 1908. Também citado em CORES, op. cit., p. 42.

⁴⁸ “O governo do senhor Williman foi sério (...) O senhor Williman não fez socialismo de Estado, nem perseguiu o capital, nem estimulou as greves, nem propôs leis para desorganizar a sociedade, nem desceu à imprensa para insultar os opositores (...) Não suscitou resistências.” In: MACHADO, op. cit., p. 10.

⁴⁹ Ibidem, p. 10.

⁵⁰ EL DÍA. Montevideo, 12 set. 1911.

O anticlericalismo de Batlle, inicialmente moderado, começou a se radicalizar cada vez mais à medida em que o presidente se firmava politicamente. Algumas medidas concretas nos dão uma noção disso: eliminação de imagens e crucifixos em hospitais, fim de citações religiosas em discursos e juramentos oficiais, supressão de honras militares a autoridades religiosas, leis que regulamentaram o divórcio, reconhecimento de laços familiares independentes do casamento e hostilidade aberta ao ensino religioso, cortando inclusive os subsídios para os seminários. Ministros e deputados da ala battlista do Partido Colorado fizeram declarações anticlericais constantes no parlamento. Uma lei que novamente nos revela a radicalidade anticlerical de Battlle definia o seguinte:

“Art. 10: Em nenhum estabelecimento privado de ensino primário se poderá ensinar religião;

Art. 11: As pessoas do sexo masculino que tenham feito ou estejam em trâmites de fazer um voto de castidade de qualquer natureza que seja não poderão ensinar nas escolas privadas (...) ainda quando se encontrem nas condições que marca a lei.”

E a justificativa enviada ao parlamento para aprovação desta lei foi a seguinte: “(...) é necessário e urgente alijá-los definitivamente da escola, impedindo que se repita a vergonhosa realidade de vê-los convertendo as escolas em centros onde saciam suas baixas paixões.”⁵¹ Chama a atenção o fato de que nenhum partido ou fração oposicionista se opôs com veemência a tais medidas ou procurou tirar proveito político de tais atitudes de Batlle. O país era tão laico que não haviam grandes protestos religiosos e tampouco insatisfação popular diante das medidas que pudessem ser catalizadas contra o presidente.

Cabe ressaltar que nesta época não haviam eleições diretas para presidente no Uruguai; um colégio eleitoral decidia o pleito. Somente em 1917 se iniciou o processo eleitoral massivo com a adoção do sufrágio universal. Demarcamos este fato porque muitos classificam o período battlista como “populismo democrático”, em virtude da ausência de ditaduras, um certo grau de respeito à constituição, leis de caráter social e trabalhista. Alguns textos falam do batllismo de forma muito panorâmica, como um fenômeno que vai do início do século XX até a década de 50. Desta forma, o batllismo é caracterizado de maneira genérica e perdemos muitas especificidades e descontinuidades deste período, uma delas é o processo de formação de uma democracia burguesa plena no Uruguai, que somente a partir de 1917 começou a operar efetivamente.

A ausência do sufrágio universal é um dado fundamental para se compreender a força do anarquismo e do sindicalismo, uma vez que impossibilitava a participação eleitoral massiva e a canalização de demandas sociais através do sistema político de Estado. Desta maneira não foram criadas grandes tensões de tipo político entre os militantes sindicalistas e o Estado. A clássica luta dos anarquistas pela abstenção eleitoral ou pelo voto nulo (conforme a legislação de cada país) simplesmente não fazia sentido naquela conjuntura.

Levando em conta a atitude liberal, o anticlericalismo e a ausência do conflito eleitoral, podemos entender um fenômeno ainda mais inusitado do que a já mencionada atração dos muitos blancos para o anarquismo: o chamado “anarco-batllismo”.⁵² Desta corrente fizeram parte muitos anarquistas destacados, que aderiram ao que era uma espécie de liberalismo radical, ou como se falava “temprana social-democracia”, de José Battle y Ordoñez. Foram atraídos pelo respeito às liberdades

⁵¹ MACHADO, op. cit., p. 19. Além disso o próprio Batlle assinava uma coluna de crítica à religião publicada regularmente nos jornais do país chamada “Lendo o Evangelho”, onde ele assinava com o sugestivo pseudônimo de Judas. O tom ácido revela-se em algumas passagens, por exemplo ao comentar a ressurreição de Cristo: “A ressurreição, pois, parece não ser outra coisa que um grosseiro embuste urdido pela malícia de uns e acreditada pela simplicidade e pela superstição dos demais. Somente outro embuste, também católico, pode comparar-se com este: o que endossou Maria para o cândido José sobre suas relações com o Espírito Santo (...) Jesus desapareceu depois de tudo isso. Era fora de dúvida que ele não podia viver nos lugares que havia frequentado (...) Se supõe que foi a Roma e que ali viveu com um nome diferente, nas catacumbas (...) até que morreu tísico, ao cabo de alguns anos.”

⁵² RAMA; CAPPELLETTI, op. cit., p. LXX.

públicas, laicismo e política solidarista que contrastava muito com a realidade da maioria dos países latino-americanos. Muitos dos anarquistas imigrantes haviam passado pelo Brasil, Argentina e Chile e ficaram abismados com a situação de “barbarismo” destes países. Outros, radicados há mais tempo no Uruguai ou *criollos*, estavam acostumados com a permanente guerra civil no Uruguai. Para todos eles o *batllismo* seduziu na medida em que se mostrou um contraste muito grande de atitude política.

Uma das vertentes anarquistas que notoriamente aderiu a este “anarco-batllismo”⁵³ foi a anarco-comunista; não todos eles, nem a maioria evidentemente, mas uma parte relevante. Militantes importantes como Orsini Bertani, Zamboni, Clérico, Berri e Virginia Bolten, nucleados na revista *Idea Libre*, estavam entre os aderentes. E não se tratou apenas de admiração, mas inclusive de amizade do presidente José Batlle y Ordoñez com intelectuais e personalidades anarquistas.⁵⁴

A hipótese explicativa que formulamos para este fato reside no tipo de estratégia empregada por este setor anarco-comunista do anarquismo. Valorizando o educacionismo e a propaganda conscientizadora como estratégia fundamental do anarquismo, necessitavam de um clima politicamente estável, sem repressão contínua e selvagem para desenvolver com regularidade suas atividades militantes. Esta estabilidade foi encontrada no *batllismo* e no funcionamento de uma democracia burguesa. Uma valoração deste tipo, nos anos 1960 e 1970, terá Luce Fabbri, radicalmente contra qualquer ato violento - bem oposta a seu pai Luigi Fabbri, neste aspecto⁵⁵ -, uma vez que estes poderiam suscitar uma ditadura e acabar com os espaços democráticos essenciais para a ação; posição esta bastante afinada com a do PCU (Partido Comunista Uruguaio) a este respeito, e que desenvolveremos com mais profundidade nos capítulo seguinte.

Todavia, a tendência hegemônica dentro do anarquismo seguia sendo o anarco-sindicalismo. No ano de 1911, a FORU realizou seu terceiro congresso, cujo principal objetivo foi reorganizar a confederação. É interessante demarcar o ponto central deste congresso uma vez que nesta ocasião foi aprovada a resolução que decidiu pela propaganda do comunismo libertário na FORU, o que poderia dar a entender que a FORU era uma central “neutra” e que só se tornou de fato *anarco-sindicalista* em 1911. Na verdade, a aprovação da resolução, que era literalmente a mesma aprovada pela FORA em 1905, apenas formalizou uma definição que na prática já era vigente desde 1905 e que sequer foi motivo de discussões no congresso.

Os pontos que ocuparam a pauta do congresso foram as discussões sobre a declaração e o pacto de solidariedade da FORU, documentos onde encontramos uma atualização de princípios e formas organizativas da federação. Saiu do congresso de 1911 uma FORU reorganizada, que reafirmou posturas anteriores e acabou fortalecida, com 40 sindicatos, a maioria com a denominação de “sociedades de resistencia”, abarcando os principais setores de produção e serviços do Uruguai.

Uma paralisação dos trabalhadores em transporte⁵⁶ no dia 11 de maio de 1911, funcionou como a primeira centelha de um amplo movimento grevista, reivindicando fundamentalmente 8 horas de trabalho, readmissão dos demitidos, reconhecimento do direito de sindicalização e aumento de salários. Durante os piquetes acontecidos na greve, 8 trabalhadores foram presos, mas debaixo da presidência de Batlle o governo se negou a proteger os fura-greves com soldados armados durante a greve dos transportes de 1911, que contou com apoio de outros sindicatos.⁵⁷ No ano seguinte, 1912, aconteceu outra greve geral no Uruguai.

⁵³ Ibidem, p. LXX.

⁵⁴ CORES, op. cit., p. 46.

⁵⁵ Para Luigi Fabbri, após uma insurreição revolucionária se inauguraria um período que chamou de “terror libertário”, onde os revolucionários deveriam reprimir, com o uso da força necessária, a burguesia e a contra-revolução. Esta tese se encontra exposta claramente em seu livro *Ditadura y Revolución*; ademais desmente qualquer noção ingênua de uma continuidade sem ruptura alguma entre a obra de Luigi e a de Luce. Cf. capítulos X e XI de FABBRI, Luigi. *Dictadura y Revolución*. Buenos Aires, Proyección, 1967.

⁵⁶ Estes trabalhadores estavam submetidos a brutais condições de trabalho, que incluíam jornadas de 10 a 15 horas de trabalho, salários miseráveis e a inexistência de dias de descanso completos.

⁵⁷ TOURON; LANDINELLI, op. cit., p. 256

No segundo governo de Batlle, o movimento operário lutou continuamente por conquistas. O ano de 1913 foi muito fecundo neste sentido, especialmente em relação a principal bandeira de luta que era a jornada de oito horas. Manifestações gigantescas aconteceram em Montevideu, e mesmo com o governo de Batlle a repressão funcionou e muitos trabalhadores foram presos.⁵⁸ Não foi à toa que entre 1911 e 1915, durante o segundo governo de Batlle foi quando se pôs em prática ou se projetava o substancial de sua política, incluindo um conjunto de leis trabalhistas e previdência social que comportaram um avançado programa reformista. Incluindo a aprovação do projeto de lei de oito horas e outras leis, assim como importantes medidas para a extensão da educação que se decretou gratuita e laica em todos os seus níveis.⁵⁹

De qualquer maneira ficam evidente os conflitos entre capital e trabalho, assim como a atitude em diversos momentos repressiva por parte do Estado, mesmo com Battle no poder. Isso nos mostra que se plano das idéias e no contato com um grupo de indivíduos anarquistas foi possível alguma harmonização, no plano da luta de classes este acordo era bem mais difícil e por muitas vezes a relação assumiu o caráter de confronto aberto.

Quanto às outras duas centrais existentes, a UGT e a CUG, foram tão moderadas e de influência tão escassa que jamais chegaram a ameaçar a hegemonia da FORU ou estabelecer qualquer discussão que se situasse dentro da disputa por uma linha revolucionária (como ocorria na Argentina entre os sindicalistas puros e os anarco-sindicalistas), de modo que a convivência entre estas diferentes centrais foi bem mais pacífica do que na Argentina. Neste país, a partir de 1915, com o 9º congresso da FORA, passaram a coexistir duas “FORAs”. Os chamados “sindicalistas puros” conseguiram maioria, com o apoio de uma ala anarquista, e anularam o item ideológico anarquista vigente desde o 5º congresso: “a FORA não se pronuncia oficialmente partidária, nem aconselha a adoção de sistemas filosóficos, nem ideologias determinadas.”⁶⁰ A minoria saiu, mas seguiu se auto-denominando FORA. A partir de então tivemos na Argentina a coexistência de duas federações de mesmo nome: a “FORA do 5º” e da “FORA do 9º congresso”⁶¹, predominando temporariamente a linha sindicalista revolucionária. Conflitos deste tipo somente em 1923 emergiram no Uruguai.

Em 1915, o battlismo foi derrotado nas eleições presidenciais, houve uma coalizão de forças conservadoras, que uniu o Partido Nacional e setores do Partido Colorado, permitindo a vitória de Feliciano Viera, que desatou uma repressão brutal e paralisou a tramitação da legislação social e trabalhista no parlamento. O seu discurso de posse foi bem direto:

“Bem, senhores: não avancemos mais em matéria de legislação econômica e social; conciliemos o capital com o operário. Temos marchado muito depressa; façamos uma parada na jornada. Não patrocinemos novas leis desta índole e ainda paralisemos aquelas que estão em tramitação no legislativo.”⁶²

Por outro lado, na constituinte de 1916 foi aprovada uma medida que teria grande repercussão na vida política e sindical do país: o sufrágio universal. Esta medida alterou radicalmente o comportamento dos partidos tradicionais, que agora buscavam seduzir o povo, os “novos cidadãos”, já que até então os trabalhadores rurais (*peones*) e urbanos não tinham direito ao voto.⁶³ Estava firmada a principal peça de um sistema político democrático-burguês bem acabado, com eleições livres e partidos políticos estabelecidos. Interessante notar que o projeto liberal foi encaminhado de maneira bem sóbria, passo a passo, sendo o sufrágio universal apenas o último ato. Já existia a escolarização em massa, os

⁵⁸ EL DÍA. Montevideu, 2 maio 1913.

⁵⁹ TOURON; LANDINELLI, op. cit., p. 256.

⁶⁰ CHERRESKY, op. cit., p. 157.

⁶¹ RAMA; CAPPELLETTI, op. cit., XXXIV.

⁶² MACHADO, op. cit., p. 73.

⁶³ CORES, op. cit., p. 33-34.

partidos políticos e clubes cívicos, a ideologia higienista, a formação da privacidade através da casa própria, do tempo livre para a vida familiar e a consolidação do monopólio da violência pelo Estado. Tudo isso fez com que o sufrágio universal encontrasse uma grande quantidade de cidadãos aptos a votar de maneira segura, tanto que os partidos socialista e comunista jamais alcançaram uma quantidade de votos expressiva.

Ao mesmo tempo, criou-se um espaço de participação política para o proletariado inexistente até então, o que afetou muito os sindicatos, que antes disso canalizavam as aspirações políticas das massas através das lutas sindicais. Neste mesmo ano a FORU realizou um congresso de avaliação e reorganização para se adequar à nova conjuntura; afinal o Estado passou a disputar um terreno para o qual o sindicalismo atraía uma grande massa de trabalhadores e mesmo da pequena burguesia; dessa forma, o operariado perdeu boa parte de sua base de apoio.⁶⁴ Esta política tinha como pano de fundo constante uma ideologia anti-classista, que procurava fazer com que o povo se identificasse como cidadão e não como classe social.

Entretanto, apesar de abalada, a força do movimento operário se manteve e a tentativa de cooptação por parte do Estado não atingiu todos os seus objetivos. As organizações sindicais uruguaias permaneceram autônomas em relação ao Estado, não apenas durante o batllismo, mas inclusive após esta etapa. Desde o início do século fracassaram todas as tentativas do Estado, partidos tradicionais e empresários de dirigirem ou controlarem organicamente os sindicatos.⁶⁵ Esta resistência à estatização constitui a meu ver um dos pontos fundamentais para o entendimento da força do movimento operário uruguaio no combate à ditadura nos anos 60 e 70. Por outro lado, o sistema político ajudou o Estado a administrar as várias frações burguesas, eleitoralismo acelerou a política das frações e setores de classe que o batllismo aglutinou e expressou.⁶⁶

Em 1917 a luta de classes atingiu níveis até então desconhecidos no Uruguai⁶⁷: greve dos portuários da FOM⁶⁸, greve dos trabalhadores em frigoríficos, greve de padeiros, sapateiros e motoristas, greve dos pescadores, greve gerais, etc.; em todas elas a solidariedade entre os trabalhadores uruguaios e argentinos se fez notar. O movimento grevista se ampliou mais ainda em 1918 quando a greve dos portuários, coincidiu com a greve dos trabalhadores frigoríficos, ocasião na qual o então ex-presidente Batlle y Ordoñez desempenhou papel de mediador. O bairro do Cerro, onde se concentravam os maiores frigoríficos e boa parte do proletariado montevideano, foi ocupado pelo exército; a ponte que ligava o Cerro ao restante da cidade de Montevideu foi interrompida e os patrões recrutaram numerosos fura-greves para tentar quebrar o movimento. Dos 19 mil homens que formavam o exército nacional, 15 mil foram designados para patrulhar as ruas da capital uruguaia. Em meio ao conflito, o exército atirou e matou um trabalhador, acendendo o estopim de uma greve geral, que trouxe uma marca inédita até então, a participação estudantil (vale lembrar que nesta mesma época começava em Córdoba o movimento de reforma universitária). A greve geral durou cerca de 15 dias. No final do ano, novamente greve geral, que durou até o início de 1919.

Manifestações de solidariedade à “semana trágica”⁶⁹ de Buenos Aires aconteceram em grande número no Uruguai. O presidente Feliciano Viera ordenou a deportação de dirigentes sindicais e muitas vezes de simples grevistas. Assim como na Argentina, se iniciou uma verdadeira caça às bruxas, da qual um dos principais alvos foram os judeus, identificados grosseiramente como “russos”. Os trabalhadores do sindicato dos padeiros foram acusados de incitar o povo a “llamar las armas” e o

⁶⁴ DE SIERRA, op. cit., p. 279.

⁶⁵ Ibidem, p. 283.

⁶⁶ Ibidem, p. 278.

⁶⁷ TOURON; LANDINELLI, op. cit., p. 257.

⁶⁸ *Federación Obrera Marítima*

⁶⁹ Manifestação ocorrida em Buenos Aires em 1919, quando a polícia reprimiu violentamente os trabalhadores, causando a morte de vários deles.

secretário da FORU acusado de constituir um “soviet”.⁷⁰ Neste ano a FORU atingiu o auge de filiados e mobilizações.⁷¹

No início de 1920 o presidente Feliciano Viera, reagindo à ascensão operária, enviou ao parlamento projeto de lei para reformar o código penal, incluindo o item “delitos sindicais”. Neste mesmo ano, em setembro, o Partido Socialista aderiu a III Internacional e alterou sua denominação para Partido Comunista Uruguaio. Pouco tempo depois, em 1921, um pequeno grupo de intelectuais, liderado por Emilio Frugoni, se separou do partido e começou a reconstruir o antigo Partido Socialista do Uruguai, com orientação moderada. No movimento sindical argentino a chamada “FORA do 9º congresso” perdeu seu impulso inicial e decaiu numericamente, ao mesmo tempo, a “FORA do 5º congresso”, anarco-sindicalista, retomava seu crescimento, atingindo em 1920 a quantidade de 200 mil filiados e mais de 500 sindicatos.⁷²

O ANARQUISMO EXPROPRIADOR NO URUGUAI

Na década de 1920, o Uruguai passou por mudanças em vários aspectos, especialmente a capital Montevideú, cada vez mais urbanizada, industrializada e cosmopolita.⁷³ Os anos 20 foram chamados os “anos dourados” do Uruguai. O país ganhou 2 campeonatos olímpicos de futebol, em 1924 e 1928, e o primeiro mundial de futebol em 1930, sediado em Montevideú. Também foram os anos de auge do anarquismo expropriador na região do Rio da Prata.

A cidade estava em plena expansão. Numa período de dez anos, entre 1905 e 1915, surgiram nada menos do que 70 bairros na capital.⁷⁴ Muitos destes bairros surgiram ao redor dos locais de trabalho e o Estado passou a financiar a compra de terrenos e a construção de casa própria para os trabalhadores. Passava a se reforçar a noção de privacidade e intimidade, própria da burguesia e que se procurava estender à classe trabalhadora.⁷⁵

Neste momento surgiram em Montevideú novos espaços de sociabilidade: cinema, futebol, sindicatos, centros culturais, jogos. Todas estas atividades, caracteristicamente urbanas, se desenvolviam em Montevideú e seduziam uma imensa massa de migrantes e imigrantes oriundos do campo e abruptamente desenraizados de suas antigas sociabilidades. Dentro deste contexto, onde a necessidade de se recriar laços sociais era patente, podemos entender em parte, a atração que sindicatos, clubes e torcidas de futebol exerciam sobre esta massa. Os bairros foram o cenário por excelência destas novas sociabilidades, em maior ou menor grau todos os bairros, mas sobretudo nos de forte presença fabril e operária, tais como o Cerro, La Teja, Maroñas, Nuevo Paris e outros, foi se construindo uma cultura com códigos próprios, um sentimento de pertencimento conformado sobre as bases de certas experiências, valores e crenças compartilhadas. Nos bairros operários se cruzaram – além da convivência, amizade e relações de camaradagem –, a comunhão do trabalho, de exploração, das reivindicações e lutas solidárias, do enfrentamento com os patrões, “fura-greves” e polícia. Um forte sentimento de solidariedade e apoio mútuo foi contruído pela proximidade, pelas aflições comuns e pela percepção de interdependência entre a vizinhança, o comércio local e a vida das instituições do bairro com a sorte de seus trabalhadores-vizinhos, empenhados muitas vezes em lutas sindicais. Desse

⁷⁰ TOURON; LANDINELLI, op. cit., p. 258.

⁷¹ Contava nesta época com 38 sindicatos na capital, 11 no interior, total de 49, números que jamais seriam iguados. Cf. RAMA; CAPPELLETTI, op. cit., p. LXVI.

⁷² BELLONI, op. cit., p. 29.

⁷³ Em 1920, Montevideú tinha cerca de 450.000 habitantes; 7 teatros, 80 cinemas e 55 diários. Em 1928 foi inaugurado na cidade o edifício mais alto da América do Sul àquela época. Cf. ÁCRATAS. Direção de ?. Montevideú: ?, 2000. 1 fita de vídeo (?? min), VHS, son., color., leg.

⁷⁴ SIERRA, op. cit., p. 209.

⁷⁵ Ibidem, p. 205.

modo ser “cerrense” ou ser “tejano” não era para grande parte de seus habitantes uma mera designação geográfica, mas uma forma de viver, uma identidade, uma postura de compromisso com o destino coletivo dos trabalhadores.⁷⁶

Uma das maiores dificuldades que os anarquistas uruguaios encontraram foi a forma de encarar o alastramento do futebol no país.⁷⁷ A exemplo dos anarquistas no Brasil⁷⁸, reagiram muito mal, tecendo uma crítica bastante sectária em relação ao esporte, tido como alienante.⁷⁹ Em 1924, Montevidéu era uma cidade com cerca de 450 mil habitantes, onde existiam 105 times de futebol e campeonatos em 3 divisões. Não foi obra do acaso a escolha da cidade para sediar o primeiro mundial de futebol em 1930. Para este mundial Montevidéu construiu o primeiro estádio do mundo feito especificamente para o futebol, o *Centenário*, comemorando 100 anos da primeira constituição uruguaia.

Aos poucos a opinião excessivamente crítica dos anarquistas foi se atenuando pela força dos fatos. Permanecer numa postura sectária trazia problemas na relação com a própria classe, e com o tempo, muitos anarquistas também se tornaram aficcionados pelo futebol. Um anarquista argentino que ficara hospedado por um tempo na casa de um companheiro uruguaio comenta que eles eram “Boa gente, ainda que muito aficcionados a às corrifadas, a *quiniela*, às *murgas* de carnaval e ao futebol. Com isso de campeonato olímpico estão todos loucos. São uruguaios.”⁸⁰

Com a confirmação do mundial de 1930 no país o governo desejava oferecer ao mundo uma mostra da modernidade uruguaia. Planejou-se então a construção daquele que deveria ser uma obra arquitetônica admirável, o Estádio Centenário. Ao mesmo tempo que este “país modelo” se preparava para o mundial, inúmeros presos políticos, em grande parte anarquistas expropriadores e sindicalistas, amargavam o cárcere no presídio de Punta Carretas.⁸¹ Alguns anarquistas decidiram libertá-los e pretendiam inaugurar sua “obra” no mesmo dia do Estádio Centenário, na abertura da Copa do Mundo.

Miguel Arcangel Roscigna, a figura mais destacada do anarquismo expropriador platense elaborou e dirigiu este plano, mas a obra dos anarquistas atrasou dois meses. O anarquista italiano Gino Gatti comprou um terreno defronte ao presídio, acompanhado de sua esposa e da filha pequena. Montou ali um galpão onde passou a funcionar a “Carbonería El Buen Trato: venta de carbón, leña y piedra”. De dentro dela saíam diariamente caminhões de carvão, ou melhor: cheios de terra e cobertos

⁷⁶ Ibidem, p. 209.

⁷⁷ Na década de 1920, o futebol passou a atrair a imensa maioria da classe trabalhadora, que além do gosto pela prática do esporte em si, assumia novas identidades através dos times de bairro, times nacionais, seleção nacional e torcidas, o que gerava novas sociabilidades e resgatava a noção de comunidade. O efeito claro desta adesão popular massiva ao futebol foi a formação de inúmeros jogadores e craques saídos da classe trabalhadora, o que por sua vez aumentava os vínculos e a admiração do conjunto da classe. A vitoriosa geração de 1920, que ganhou as olimpíadas de 1924, 1928 e, depois a primeira Copa do Mundo em 1930, era composta basicamente por operários. Uma citação da época mostra o orgulho operário vinculado ao futebol “Filho de pai bêbado ou de uma viúva prematura (...) hoje da bola de meia à número 5, do pátio do cortiço ao campo rodeado de milhares de expectadores, já não é um moleque de rua, é um ‘rei’; mas um ‘rei’ da classe, com toda a inteligência da raça, com o pescoço limpo agora, mas conservando sempre os mesmos olhos inteligentes (...) Moleque de rua!” Cf. SIERRA, op. cit., p. 220.

⁷⁸ CAVALCANTI, Jardel Dias. *Os anarquistas e a questão da moral (Brasil – 1889-1930)*. Campinas, Cone Sul, 1997. Este livro nos oferece um material bastante representativo das posições anarquistas relativas a temas como futebol, samba, carnaval e a questão da mulher.

⁷⁹ Sobre a opinião dos anarquistas, temos alguns documentos interessantes; o primeiro deles é de 1917: “O Football preenche quase todo o pensamento da vida civil dos povos (...) Alcançou proporções de epidemia, de mania coletiva (...) Homens e mulheres, velhos e jovens, ricos e pobres – mais os pobres – falam somente de football, seja em casa, seja na rua, no café ou no teatro, na oficina ou na fábrica. De que se fala? De football (...)! É algo atroz, repugnante e antipático! Mais ainda se temos em conta que os principais sustentadores e fomentadores são o Estado e a burguesia que exploram a ignorância e o fanatismo do povo!” Cf. LA BATALLA. Montevidéu. 2ª quinzena ago. 1917.

⁸⁰ LAUREANO, Riera Díaz. *Memorias de un luchador social*. Tomo II, Buenos Aires, 1983. p. 71. Quiniela é um jogo semelhante a antiga Loto ou Sena no Brasil e Murgas são músicas críticas e bem humoradas encenadas de maneira teatralizada no carnaval uruguaio.

⁸¹ Atualmente o local abriga o *Punta Carretas Shopping Center*.

de carvão. O casal Gatti ficou conhecido e querido pelos vizinhos, sendo sempre muito afável no trato com todos. Depois de seis meses de trabalho, mesmo com o negócio andando bem, o casal Gatti decidiu voltar para a Argentina, despediram-se de todos na vizinhança, que lamentaram a partida do casal.

Alguns dias depois, o guarda da prisão tem a sensação de que algo estranho se passava no presídio: Erwin Polke, o preso considerado mais perigoso entre todos⁸², cujas orientações aos guardas eram de atenção total e absoluta, jogava xadrez no centro do pátio. Enquanto isso, aproveitando-se do desvio de atenção, os outros presos deram início à fuga. Minutos depois, os vizinhos da antiga carvoaria gritavam assustados com o surgimento de vários presos de dentro dela. A polícia cercou o local, alguns presos tentaram voltar pelo túnel e foram pegos pela polícia. Neste momento, a polícia se deu conta, admirada, do que tinha diante de si: um túnel da carvoaria ao presídio, atravessando a rua, com 50 metros de extensão, mais de 1 metro de altura e 80 centímetros de largura. Os engenheiros da polícia diriam que “Es una obra tecnicamente perfeita”. Foi construído em forma de abóbada, tinha iluminação elétrica, canos de ventilação desde fora e uma campainha a cada vinte metros que emitia sinais na entrada. O detalhe mais impressionante foi o cálculo da saída. O túnel dava num banheiro da prisão, que ficava num nível inferior ao chão da rua. Gatti mandou que algumas pessoas visitassem a cadeia e contassem o número de degraus que levaria até o pátio e a altura de cada um deles, com estes dados calculou o ângulo de inclinação do túnel perfeitamente.⁸³

Os construtores do túnel deixaram uma camada de 50 centímetros que deveria ser rompida somente no momento da fuga. Apenas os anarquistas sabiam do projeto e nove deles evadiram-se do presídio, três carros os aguardavam nos fundos da carvoaria. Outros presos tentaram fugir também, mas a polícia já havia chegado. Alguns dos fugitivos foram presos dias depois e mais tarde o próprio Miguel Arcangel Roscigna e o casal Gatti.⁸⁴ Este foi apenas um dos muitos episódios relacionados aos anarquistas expropriadores ou “anarquistas de ação direta” no Rio da Prata, famosos por protagonizarem assaltos, fugas de presídios, justiçamentos, falsificações, explosões, entre outros atos do gênero.

Esta corrente é pouco comentada, marginalizada até mesmo por setores do próprio anarquismo, embora tenha muita importância na história das lutas sociais da região, no anarquismo e em especial para esta pesquisa, como uma das correntes que a partir de 1952 formaria a FAU. Sobre os anarquistas expropriadores, vários rótulos foram colocados: terroristas, proto-guerrilheiros, individualistas, simples bandidos, etc. Mas os críticos quase nunca mencionam que muitos centros de cultura, sindicatos e periódicos sobreviveram graças aos fundos expropriados pelos “anarquistas de ação direta”. Retomemos um pouco sua origem.

O primeiro assalto com fins políticos que se tem notícia na região do Rio da Prata aconteceu em 19 de maio de 1919, em Buenos Aires, um assalto aos donos de uma casa de câmbio organizado pelo

⁸² Erwin Polke era um anarquista individualista, assumidamente stirneriano. Aficionado pela falsificação de dinheiro, é lembrado até os dias de hoje como responsável pelo maior derrame de notas falsas da história argentina, produzidas por uma máquina montada dentro do presídio.

⁸³ BAYER, op. cit., p. 76-77. Tema também abordado no documentário *Los Ácratas*.

⁸⁴ Anos depois em 1971, os *Tupamaros* alugaram uma casa na mesma rua da carvoaria e cavaram outro túnel para a prisão com o mesmo intento. Em certa altura se depararam com algo que os impressionou pela qualidade da construção: o túnel dos anarquistas. A escavação dos *Tupamaros* havia sido feita num sentido que acabou cruzando o antigo túnel e eles concluíram admirados que a obra feita em 1930 era tecnicamente muito superior ao túnel que eles construíam mais de quarenta anos depois. Num certo ponto do túnel encontraram uma papeleta pendurada, muito velha, onde era possível ler: “solidaridad para los ácratas no es palabra escrita solamente”, e aproveitaram para deixar outra frase: “dois caminhos, duas ideologias, que se cruam em busca do mesmo destino, a liberdade.”. Foram 106 presos políticos que encontraram a liberdade, um recorde anotado no *Guinness Book*, como a maior fuga de presos políticos da história. Cf. ÁCRATAS. Dirección de ?. Montevideú: ?, 2000. 1 fita de vídeo (?? min), VHS, son., color., leg..

Boris Wladimirovich⁸⁵ que acabou fracassando. A prisão de Bóris estimulou mais ainda uma espécie de mito sobre “o russo” na Argentina, que corria nos idos de 1919. A direita e toda a imprensa burguesa argentina alardeavam sobre perigosos elementos russos presentes no país, ao ponto da organização de extrema direita, Liga Patriótica, organizar a chamada “caza al ruso”. O russo era descrito como uma pessoa bárbara, rude, sem escrúpulos e violenta. A prisão de Bóris, ao mesmo tempo em que parecia confirmar a presença dos temíveis russos na Argentina, desmentia tudo o que se atribuía aos russos. Na casa de Bóris foram encontradas 24 telas pintadas. Seu vasto conhecimento e capacidade intelectual despertaram a curiosidade de todos. Bóris recebeu visitas do Ministro do Interior, deputados e outras figuras públicas que se deslumbravam com o conhecimento do russo.⁸⁶

Neste mesmo ano, sob a presidência de Ypólito Yrigoyen, aconteceram 367 greves na Argentina e foi intensa a atividade sindical e anarquista. Nesta época, a legislação argentina era bastante rígida, sobretudo com o movimento operário: penas de 2 anos por incitar greve e de 8 a 10 anos por agressões a pelegos. Bóris Wladimirovich assumiu sozinho a responsabilidade pelo crime de que foi acusado para livrar os demais companheiros e terminou condenado à prisão perpétua em Ushuaia, extremo sul da Argentina.⁸⁷

Podemos dizer que a principal motivação do anarquismo expropriador nasceu com o incremento sem precedentes da repressão que o movimento operário e anarquista conheceu a partir do final da década de 1910. A repressão atingiu o movimento de duas formas principais: fechando as publicações e prendendo militantes. Os expropriadores visavam sobretudo arrecadar fundos para publicações, materiais de propaganda, atividades sindicais, ajuda aos presos políticos e financiamento de fugas.

É importante demarcar estas raízes para que não se incorra no erro de avaliar as ações dos expropriadores como atos descolados da realidade, fora de sintonia ou à margem do movimento operário. O vínculo com o movimento operário é um dado fundamental para entendermos diferenças entre os anarquistas que praticaram a “propaganda pelo fato” na França e os expropriadores na região do Rio da Prata no final do século XIX. É interessante examinar a origem do “anarco-terrorismo” francês para matizarmos com mais nitidez suas diferenças em relação ao anarquismo expropriador.

Os atos de um Ravachol ou Emile Henry na França aconteceram num momento de grande afastamento do anarquismo para com o movimento operário. A corrente anarquista de tipo bakunista, vinculada à 1ª Internacional, havia praticamente desaparecido e com ela a inserção do anarquismo nos meios operários. Não nos interessa discutir profundamente as razões deste descenso, mas entre elas podemos contar a derrota da Comuna de Paris, a cisão e progressiva desaparecimento da 1ª Internacional e a repressão que se seguiu à derrota da Comuna de Paris em boa parte da Europa. Neste ambiente de derrota, os membros da Aliança e da Internacional da região das montanhas do Jura suíço realizaram

⁸⁵ O russo Bóris tinha perfil intelectual, professor universitário, médico, pintor, biólogo, autor de vários livros de sociologia, falava vários idiomas e nada faria supor que ele seria um anarquista ligado ao movimento operário. Bóris chegara em 1909 na Argentina, participara da Revolução Russa de 1905 e foi vinculado ao Partido Operário Social Democrata Russo, participando de congressos do mesmo, ainda na Rússia. Na Argentina, Bóris vinculou-se ao movimento anarquista rapidamente e acabou realizando “ações diretas” para conseguir fundos para os periódicos anarquistas e operários. Em meio aos acontecimentos de 1919, Bóris tentou organizar um comitê revolucionário, mas desanimou diante da indisciplina dos membros.

⁸⁶ BAYER, op. cit., p. 19-20.

⁸⁷ No entanto Boris, ainda teria atuação numa trágica saga de mortes e vinganças, cujo primeiro ato foi o massacre de 1500 trabalhadores na Patagônia a mando do Cel. Varella. O anarquista alemão Kurt Wilckens vingou estas mortes assassinando a Varella. Preso, Wilckens foi assassinado por Perez Millán, nacionalista e amigo pessoal do Dr. Carlés da Liga Patriótica, enquanto dormia em sua cela. Tempos depois, Perez Millán acabou internado como louco num manicômio, ao saber deste fato Bóris simulou um desequilíbrio nervoso, conseguindo ser transferido para o mesmo manicômio, mas não para a mesma ala. Dando sequência ao plano de vingança, ele conseguiu convencer outro interno, Lulich, a executar o serviço lhe fornecendo uma arma. Depois deste episódio, Bóris foi torturado, tornou-se paraplégico e acabou morrendo rapidamente. Cf. BAYER, op. cit., p. 21-30.

avaliações críticas sobre este processo e acabou surgindo dali o que se chamaria depois de anarco-comunismo e que teria como principal expoente Piotr Kropotkin.⁸⁸

Entre os principais eixos de avaliação sobre a derrota constavam a falta de preparação e consciência do povo para a revolução. A resposta para esta questão, segundo os primeiros formuladores do anarco-comunismo, estava na necessidade de um amplo processo de conscientização pré-revolucionária. Para realizar esta tarefa seriam necessários periódicos, publicações de livros, debates, círculos de estudo, enfim propaganda dos princípios e ideais. A propaganda se tornou a estratégia central para o anarco-comunismo naquela época. Logicamente que seriam necessários grupos públicos, ao contrário da clandestinidade preconizada por Bakunin, para levar a cabo tal intento. De certa forma, desprezava-se a necessidade de uma organização anarquista, que deveria existir apenas na medida em que facilitasse a propaganda anarquista.

Com esta orientação os anarco-comunistas tornaram-se a corrente hegemônica no anarquismo, a partir de fins do século XIX. O centro das atividades se deslocou da organização operária para a propaganda anarquista, para a educação, para a formação, etc. Esta nova orientação foi responsável pelo afastamento em relação ao movimento operário e pela visão do anarquista encerrado numa “torre de marfim”. Reagiram contra esta tendência os “anarquistas de ação direta” na França, entendendo logicamente por ação direta as ações de lançar bombas, dinamites e outros artefatos do gênero contra locais simbólicos e membros da burguesia. A oposição ao anarco-comunismo é muito clara e estes anarquistas se definiam como os adeptos da “propaganda pelo fato”, em implícita crítica aos anarquistas que faziam propaganda somente pelas idéias. No entanto, a ação destes anarquistas tinha um sentido destrutivo, de fazer “propaganda pelo fato”, como diziam, e atingiam vítimas de maneira indiscriminada, desde que fossem consideradas membros da burguesia.

Notemos que a corrente chamada de sindicalista revolucionária que a partir da década de 1890 – sobretudo na França - atraiu alguns anarquistas não foi formada como um projeto ou tática anarquista para atuar no movimento operário, mas no próprio movimento dos trabalhadores. Os anarquistas que aderiram ao sindicalismo foram minoria e, naquele tempo, muitos diziam que o anarquismo estava morto no que se refere à inserção na classe operária, na verdade com o sindicalismo revolucionário é que se retomou o vínculo com a classe trabalhadora. As correntes dominantes até os anos 1870-1880, a do “elogio do terrorismo individualista” e as que vivem em “contínuas discussões acadêmicas”, deram lugar aos que acreditavam que o sistema burguês só poderia ser abatido pelo proletariado organizado.⁸⁹

Mas no Rio da Prata, os anarquistas expropriadores do século XX, não buscavam a “propaganda pelo fato” como os anarquistas terroristas franceses, pelo contrário, buscavam sempre a máxima discrição, não realizavam atos de tipo destrutivo e não matavam ou feriam indiscriminadamente. Além disso, o objetivo ia muito além das ações em si. São diferenças substanciais a nosso ver, e que impedem qualquer aproximação.⁹⁰

⁸⁸ Cf. LUIZETTO, Flávio Venâncio. *Presença do Anarquismo no Brasil: um estudo dos episódios literário e educacional, 1900-1920*. Tese de doutorado, FFLCH, USP, 1984.

⁸⁹ CARONE, Edgar. *Socialismo e Anarquismo no início do século*. Petrópolis, Vozes, 1996. p. 132.

⁹⁰ Lembramos que na própria Argentina há um termo de comparação com o “anarco-terrorismo”. Na década de 1890 existiram vários grupos de uma tendência que se chamou de “anarco-petardistas”. Eles publicavam entre outros os seguintes periódicos: *Il Pugnale*, *La Voz de Ravachol*, *El Perseguido* e *Los Dinamiteros* onde faziam aberta pregação da violência. Vejamos alguns exemplos do pensamento expresso respectivamente nos periódicos *Los Dinamiteros*, *Il Pugnale* e *El Perseguido*: “É preciso que conquistemos a liberdade e para isso é necessário a dinamite, pois a força desta se contrapõe à força que empregam nossos opressores (...)” ou “(...) com o objetivo de mudar o estado social, há que se usar bombas explosivas de nitro-glicerina e clorato de potássio (...) Nosso lema é o lema dos malfeitores; nossos meios, todos os que a lei condena; nosso grito: !Morra toda autoridade! Por isso somos anarquistas.” Nestes casos ainda não se trata do anarquismo expropriador, também na Argentina, esta corrente “petardista” surgiu em oposição aos anarco-comunistas, na época predominantemente espontaneístas e anti-orgânicos, rechaçando a participação sindical por considerar que as formas de organização dos sindicatos eram autoritárias. Somente com a presença de Malatesta e Pietro Gori tomariam impulso o anarco-comunismo organicista na Argentina, adepto da participação sindical. Cf. BAO, op. cit., p. 160-161.

Uma outra caracterização em relação aos expropriadores em que é preciso ter cuidado é a de individualistas. Realmente muitos deles se afirmavam como individualistas, embora nem todos tomassem para si esta qualificação. Mas o que mais nos interessa é entender o que significava ser individualista para aqueles militantes naquela época. Como o termo faz parte da linguagem nos dias de hoje, e está diretamente ligado à ideologia liberal, pode ser interpretado como egoísmo, ou como rechaço ao coletivo.

O individualismo dos expropriadores residia numa forma de ação que era individual, ou melhor, realizada em pequeno número de pessoas, e não de massas como a ação sindical. Porém, o fruto das ações era coletivizado: dinheiro para periódicos, sindicatos, ajuda para presos, etc. No rígido código moral dos expropriadores não se admitia que ninguém embolsasse nenhum centavo e temos conhecimento de militantes que realizaram assaltos milionários para a época e que permaneceram praticamente na miséria mesmo depois disso. Osvaldo Bayer, o maior pesquisador desta corrente anarquista, afirma que não se tem notícia de nenhum expropriador que tenha roubado para o seu bolso.⁹¹ Além da questão relativa ao dinheiro, a atitude solidária contrasta com as definições do individualista como alguém cioso de si, cheio de egoísmo, voltado ao prazer, etc. Eram individualistas solidários os expropriadores, por mais que isso seja complicado de entender nos dias de hoje.

Por esta caracterização que fizemos acima, considera-se a tentativa de assalto frustrada de Bóris Wladimirovich o primeiro ato do anarquismo expropriador no Rio da Prata. Desde este primeiro episódio se abriu uma grande e longa polêmica entre os anarquistas. Os expropriadores deveriam ser defendidos? A violência era um meio de luta legítimo? Em que condições empregar a violência? Para alguns a questão era muito clara: “Não se pode reivindicá-los”, nos dizia um dos últimos grandes intelectuales anarquistas, Diego Abad Santillán.⁹² Esta é a expressão mais cabal do conceito que uma parte dos anarquistas tinha sobre os expropriadores. O exame das diversas posições sobre os expropriadores é uma excelente forma de verificar a existência de diversas matizes dentro do anarquismo, a existência de diversos “anarquismos”.

No pólo daqueles que utilizavam a violência, estavam os anarquistas que se aglutinavam em torno do periódico *La Antorcha*.⁹³ No entanto, apesar de sabermos que eram adeptos da expropriação, a defesa não era feita de maneira aberta, até porque se assim fosse dificilmente escapariam da repressão e o jornal seria provavelmente fechado. Na maioria dos casos faziam uma defesa genérica da legitimidade da violência dos pobres contra a burguesia. Quando se tratava de casos concretos, quase sempre alegavam a inocência do militante implicado, atribuindo as acusações à perseguição política devido às atividades sindicais, nas quais todos os militantes estavam envolvidos.

As posições de Diego Abad Santillán merecem destaque pela importância deste nome no meio anarquista. Santillán representava, juntamente com Emilio Lopez Arango, a corrente anarco-sindicalista mais ortodoxa. Na Argentina, ele esteve vinculado à FORA que seguia a linha do 5º congresso. As críticas de Santillán e Lopez Arango, através de *La Protesta*, se inserem na luta contra as possíveis deturpações da imagem do anarquismo, contra a associação de anarquismo com violência. A concepção que está subjacente é de que aquilo não era anarquismo, uma condenação da violência como meio, como tática, uma tentativa de “limpar” o anarquismo da pecha de violento. *La Protesta* permaneceu exortando os anarquistas “a por fim; isolar este foco de perversão e de contaminação das idéias e dos métodos de luta; o anarco-banditismo é desgraçadamente uma verdadeira praga.”⁹⁴

Mas na Argentina da década de 1920 a violência não era fruto de uma atitude individual, estranha ao cotidiano operário. Não se passava uma semana sem que houvessem confrontos entre

⁹¹ BAYER, op. cit., p. 96-98.

⁹² Ibidem, p. 12.

⁹³ RAMA; CAPPELLETTI, op. cit. p. XXXVIII. O autor cita o conflito entre FORA e *La Antorcha* sobre a questão dos expropriadores como algo descabido.

⁹⁴ BAYER, op. cit., p. 68.

anarquistas e membros da Liga Patriótica.⁹⁵ Era cada vez mais comum o uso de armas entre trabalhadores. Inúmeras propagandas revelam este hábito, este anúncio de um *picnic* promovido por *La Antorcha* é bem interessante:

“Rosario, grande *picnic* familiar em benefício dos presos sociais, na ilha Castellanos sobre o Rio Paraná, Homens \$ 1,20; mulheres e menores \$ 0,50; crianças grátis. Nota: advertimos que a subprefeitura fará revista no embarque, motivo pelo qual se recomenda não levar armas”.

E mesmo nos *picnics* organizados por *La Protesta*, claramente avessa aos expropriadores, notava-se o uso de armas, comprovando que o hábito não era exclusividade dos expropriadores, mas dos anarquistas e trabalhadores de maneira geral. Vejamos este trecho de um texto publicado após um *picnic*: “(...) Recomendamos pois aos camaradas que não façam disparos de armas de fogo em nossos *picnics* e que tratem de evitar que o façam aqueles concorrentes que não estejam em condições de ler esta recomendação”.⁹⁶ Há uma condenação das brincadeiras de disparo, mas em nenhum momento o texto pede que as pessoas deixem de portar armas. Além disso, este tipo de recomendação era sempre publicada e não uma coisa rara.

O metalúrgico anarquista Miguel Arcángel Roscigna, um dos maiores anarquistas expropriadores, era também o principal animador do *Comité Pro Presos Sociales y Deportados*, cujas principais funções eram: custear advogados, trâmites jurídicos, ajudar às famílias de presos. Para isso contavam com as cotizações que os próprios trabalhadores tiravam do bolso, o que obviamente era um gesto de solidariedade tenaz para quem tinha escassos recursos, mas pouco para cobrir os gastos. O comitê porém “Não se limita a conseguir estes meios como se fosse um Exército da Salvação ou uma Sociedade de Damas de Beneficência. Sua missão oculta é a de conseguir a fuga dos presos. E para isso é necessário contar com muitos recursos (...)”⁹⁷ Roscigna era quem “gerenciava” este trabalho, além de suas atividades sindicais como dirigente metalúrgico. De perfil cerebral, calculista e frio, ele foi o mais bem sucedido dos expropriadores. Chegou a se inscrever para trabalhar como guarda carcerário em Ushuaia, para libertar o anarquista Simón Radowitzky,⁹⁸ Miguel Arcángel Roscigna passou por vários trâmites burocráticos para conseguir trabalho em Ushuaia. Já estava empregado no presídio preparando a fuga de Simón. No entanto, as disputas sindicais fizeram fracassar seus planos. No congresso da USA⁹⁹, em meio a uma polêmica entre socialistas, comunistas e anarquistas, um comunista acusou Roscigna de “estar de perro en Ushuaia” para atacar os anarquistas. Os planos do anarquista foram abortados, porém antes de sair de Ushuaia, Roscigna ateou fogo à casa do diretor do presídio para não perder a viagem.

Simón Radowitzky se converteu em “el santo de la anarquía”, grandes manifestações pediram sua libertação por anos e anos, tomando uma dimensão semelhante ao caso de Sacco e Vanzetti na Argentina e Uruguai. Viveu 20 anos em Ushuaia, até que em 1930, Ypólito Yrigoyen concedeu liberdade a Simón desde que saísse do país. Atravessou o outro lado do Rio da Prata e viveu no Uruguai desde então. Alguns anos depois lutou nas milícias anarquistas durante a Revolução Espanhola.

As divergências entre os anarquistas “protestistas” e “antorchistas”, alcançou tal ponto que o *Comité Pro Presos Sociales y Deportados* se dividiu em dois. No comitê formado pelos anarquistas de

⁹⁵ Agrupação ultra-nacionalista argentina que combatia violentamente o anarquismo e os sindicatos.

⁹⁶ BAYER, op. cit., p. 32.

⁹⁷ Ibidem, p. 34.

⁹⁸ Um jovem judeu anarquista que chegara na Argentina em 1908, e aos 17 anos foi condenado pela morte do Cel. Falcón em 1909, quando vingou-se do massacre de trabalhadores no 1º de Maio daquele na Plaza Lorea em Buenos Aires. Depois foi condenado a cumprir pena em Ushuaia.

⁹⁹ *Unión Sindical Argentina*, de inspiração sindicalista revolucionária.

La Protesta só era admissível defender os militantes presos por defender suas idéias; enquanto o comitê de *La Antorcha*, seguiu defendendo os militantes anarquistas acusados de delitos comuns e outros crimes. Deste período em diante a polêmica jamais teria fim, no fundo o que se discutia eram os meios de se chegar à revolução: “Chegar a revolução por todos os meios imagináveis, ou manter os anarquistas no conceito de homens puros, inatacáveis, que chegam à revolução através do convencimento dos demais de que esta é a idéia humanística por excelência?”¹⁰⁰

O caso de Sacco e Vanzetti ilustrou bem as contradições que emergiram em meio à campanha internacional de defesa que se fez por ambos. Eles eram anarquistas que atuavam nos sindicatos, mas todos os militantes um pouco mais inteirados no anarquismo sabiam ser eles expropriadores.¹⁰¹ Osvaldo Bayer faz ressaltar algumas contradições:

“(…) na defesa que fizeram os anarquistas de Sacco e Vanzetti houve indubitavelmente uma dualidade. Foram defendidos porque eram inocentes ou porque eram anarquistas? E se houvessem sido culpados de assaltar para arrecadar fundos para a propaganda, para seus presos e para as greves? Teriam sido defendidos igualmente desde as colunas da ‘imprensa oficial’ do anarquismo argentino? A mesma dualidade ia se apresentar com a epopéia delitativa de Buenaventura Durruti.”¹⁰²

A impressão que se tem é de que se eles fossem realmente culpados, como certamente eram por outros casos anteriores a este, não haveria defesa. Novamente parte-se do princípio moral: “a injustiça”. E o que define justiça, no caso, é a lei, o Estado.

O anarquismo expropriador nos mostrou o quanto o anarquismo do Rio da Prata estava ligado ao anarquismo espanhol. No caso específico, nota-se uma relação entre membros da parte armada da FAI (*Federación Anarquista Ibérica*) com os grupos expropriadores. Vários militantes espanhóis passaram por Argentina e Uruguai e vários militantes platenses foram à Espanha lutar antes e durante a Revolução Espanhola. Além disso, muitos conflitos anteciparam de forma exemplar situações que se desenrolariam na Revolução Espanhola: Santillán de um lado, e Durruti de outro, exemplificam bem isto que afirmamos.

Quando o grupo dos *Solidários*¹⁰³, de Durruti, Ascaso e Jover, fez sua “excursão” pela América Latina, percorrendo desde o México, Cuba, até chegar a Argentina e Uruguai, todos já os conheciam, sabiam de sua longa trajetória de ação direta e expropriação, e sobretudo, sabiam que saíram da Europa fugindo de condenações. Em sua epopéia pela América Latina realizaram inúmeras ações para arrecadação de fundos até que chegaram à região do Rio da Prata. Realizaram um fracassado assalto em Buenos Aires no qual praticamente nada conseguiram levar. Diego Abad Santillán chegou mesmo a ridicularizar o assalto que realizaram na Argentina, chamando Durruti de “pistoleiro de 38 pesos em moedinhas”. A condenação às atitudes dos *Solidários* foi manifestada pelos moderados de *La Protesta*, orientados por López Arango e Abad Santillán, estes escreveram num editorial em fins de 1926: “O protesto contra a extradição de Ascaso, Durruti e Jover não entra na ética anarquista.”¹⁰⁴

Nesta incursão pela América Latina Durruti, já com prisão decretada na Argentina, conseguiu fugir de navio justamente pelo Uruguai, onde tinha relação com vários militantes.¹⁰⁵ Anarquistas expropriadores como Miguel Arcángel Roscigna e Emilio Uriondo tiveram bastante contato com Durruti e os *Solidários*, e, na verdade, foram eles que deram todas as informações necessárias para a

¹⁰⁰ BAYER, op. cit., p. 37.

¹⁰¹ Sacco e Vanzetti pertenciam a um grupo de ação direta, editor de *La Aduanata dei Refrattari*, periódico dos anarquistas italianos em Nova Iorque, declaradamente partidário da ação direta expropriadora.

¹⁰² BAYER, op. cit., p. 39.

¹⁰³ Este grupo foi um dos fundadores da FAI (*Federação Anarquista Ibérica*) em 1927, que exerceu grande influência na CNT espanhola e teve forte atuação na Revolução Espanhola.

¹⁰⁴ BAYER, op. cit., p. 53.

¹⁰⁵ *Ibidem*, p. 47.

atuação dos espanhóis, que desconheciam o ambiente. Quando embarcou do Uruguai para Europa Durruti fez uso de um documento falso, em nome de um militante anarquista uruguaio, e durante um bom tempo ele viveu como Roberto Coteló, militante fundador da FAU alguns anos depois.¹⁰⁶

Tempos depois de sua estada no Uruguai, Durruti chegou a enviar três “muchachos” de seu grupo para o Uruguai, recomendados a Roscigna.¹⁰⁷ Entre eles estava Pedro Boada Rivas, famoso expropriador que acabou se radicando no Uruguai e que mais tarde também seria um dos fundadores da FAU. O inverso também ocorreu. Silvio Astolfi, expropriador argentino, também foi, via Montevidéu, para a Espanha recomendado a Durruti. Algum tempo depois, já na Espanha, Durruti enviou uma carta na qual solicitou a presença de Roscigna na Espanha, pois conhecia suas qualidades de organizador. O anarquista argentino recusou o convite por se julgar mais útil no Rio da Prata.¹⁰⁸

Estes anarquistas que atuaram na região do Rio da Prata permaneceram por bom tempo em Montevidéu onde realizaram várias ações, estiveram presos, fugiram e libertaram companheiros uruguaiois presos em Punta Carretas.¹⁰⁹ Protagonizaram episódios que ganharam fama na época e causaram inúmeras discussões tanto na sociedade uruguaia, quanto no meio libertário. Roscigna talvez tenha sido o principal destes expropriadores e a sua prisão passou a ser questão de honra para a polícia uruguaia. Depois de muito tempo de procura e de já ter sofrido a desmoralização pública, a polícia uruguaia conseguiu prendê-lo acompanhado de outros não menos “famosos” anarquistas expropriadores. A detenção de Roscigna foi anunciada com toques de sirene por os diários uruguaiois. A polícia oriental não sabendo o que fazer para demonstrar sua façanha expôs os quatro: Roscigna, o capitão Paz, Mabicini e Moretti no pátio da chefatura para que a imprensa e o público constatassem o feito.¹¹⁰

A polêmica entre os anarquistas de *La Protesta* e os expropriadores atingiu limites trágicos em 1929. Num artigo apócrifo editado em *La Protesta*, o jornal acusou o expropriador anarquista Severino Di Giovanni de ser um agente fascista infiltrado no movimento anarquista e operário. Di Giovanni fizera de sua vida uma luta pela libertação de anarquistas e era um dos organizadores do Comitê Anti-Fascista Italiano em Buenos Aires, tendo sofrido inúmeras perseguições durante sua vida por esta militância. Este artigo provocou a ira do expropriador que foi tomar satisfações diretamente com Emilio Lopez Arango, responsável pelo jornal, imaginando ser ele o autor do artigo. Chegaram às vias de fato e Di Giovanni acabou matando Lopez Arango.¹¹¹ Na verdade o autor do artigo que acusava Di Giovanni, fora Diego Abad Santillán. Anos depois Santillán fez correr uma outra versão, afirmando que Di Giovanni era um agente comunista a mando do italiano Togliatti. Todos estes fatos Santillán admitiu em suas memórias.¹¹² O mesmo tipo de postura Santillán manteve em seu regresso à Espanha e estas questões atravessaram toda a história da FAI e da CNT, quando Durruti e Santillán divergiram constantemente.¹¹³

¹⁰⁶ MECHOSO, Juan Carlos. *Acción Directa Anarquista: una historia de FAU*. Montevidéu: Recortes. p. 39.

¹⁰⁷ BAYER, op. cit., p. 71-72.

¹⁰⁸ Ibidem, p. 97.

¹⁰⁹ Ibidem, p. 74.

¹¹⁰ Ibidem, p. 83.

¹¹¹ RAGO, Margareth. *Entre a história e a liberdade: Luce Fabri e o anarquismo contemporâneo*. São Paulo, Edunesp, 2000. p. 132. RAMA; CAPPELLETTI, op. cit., P. XXXVIII.

¹¹² SANTILLÁN, Diego Abad. *Memorias (1897-1936)*. Barcelona: Planeta, 1977. p. 212.

¹¹³ O episódio mais representativo, e o mais importante, destas divergências aconteceu em meio à Revolução Espanhola. Diante da falta de armamentos para combater os fascistas e da negativa do governo republicano em ceder armas para o combate, Durruti organizou um assalto ao Banco Central da Espanha, objetivando levar o ouro lá guardado (maior reserva em ouro do mundo na época). O plano era evidentemente secreto, o ouro seria transportado de trem até a fronteira com a França e trocado por armas com contrabandistas. Santillán avaliou que tal ação deveria ser discutida pela FAI e pela CNT antes de ser levada a cabo. Obviamente, diante de um debate mais aberto e do vazamento de informações, o plano foi frustrado. Santillán também reconheceria este erro posteriormente, muito tarde infelizmente. Ver outros episódios Cf. PAZ, Abel. *O Povo em Armas: Buenaventura Durruti e o anarquismo espanhol*. Lisboa: Assírio e Alvim, 1976. p. 61-72; 89, 94-97.

O interessante é que depois que o tempo passou, Durruti transformou-se numa espécie de “mito anarquista”, venerado até mesmo por seus mais ferrenhos adversários em vida. Santillán não foi exceção:

“E por ironia do destino ou por estas adequações às circunstâncias que têm que fazer os homens de idéias, o intelectual anarquista, Diego Abad Santillán - um dos homens que com mais força atacou os ‘expropriadores’ nas filas dos libertários atuantes em nosso país - chamará em 1969 àquele ‘pistoleiro de 38 pesos em moedinhas’, ‘Buenaventura Durruti o cavaleiro sem medo e sem mácula’.”¹¹⁴

A condenação dos expropriadores aconteceu não somente na época em que atuavam, como segue até os dias de hoje, ainda que de maneira sutil e indireta: “Havia ainda os anarquistas terroristas, os “expropriadores individualistas” que preocupavam muito a Luigi e a Luce. Afinal, o fenômeno do banditismo, que estava abalando a Argentina, na época, era coisa do passado na Europa.”¹¹⁵ A citação é de um trabalho bem recente mas neste aspecto limita-se a repetir e endossar as opiniões de anarquistas que condenavam esta corrente. Nada mais revelador desta condenação do que o epíteto de “banditismo” aplicado aos anarquistas expropriadores, seguido de uma outra avaliação “era coisa do passado na Europa”, difícil explicar porque algo do passado necessariamente é pior do que algo do presente e porque a Europa é tomada como referência de evolução, como se vê, eurocentrismo e evolucionismo não estão ausentes até mesmo nas produções acadêmicas mais recentes e com pretensões de romper com a história tradicional.

Notamos que existem certos dogmas do anarquismo oficial, que apesar de negado faz sua aparição recorrente toda vez que alguma prática ou idéia parece não corresponder aos cânones anarquistas, desqualificando estas mesmas idéias e práticas como algo estranho ao anarquismo. A existência de uma ortodoxia no anarquismo é mais do que clara, mesmo prescindindo da formalização que possui no marxismo. Frisamos este aspecto porque a FAU mais adiante foi vítima do mesmo tipo de crítica, quase sempre em nome de algum cânone anarquista.

DESCENSO DO ANARCO-SINDICALISMO E DIVISÃO DO MOVIMENTO SINDICAL URUGUAIO

No campo sindical a década de 1920 trouxe mudanças significativas, tanto na Argentina quanto no Uruguai. Nasceu o Partido Comunista Argentino em 1921, oriundo de uma cisão do Partido Socialista, logo após denominou-se Partido Socialista Internacional, e a seguir assumiu a denominação de Partido Comunista.¹¹⁶ Houve um descenso generalizado do anarquismo no princípio da década, a FORA do 9º congresso decaiu bastante, enquanto a FORA do 5º congresso, apesar de decair, seguiu contando com 100 mil filiados. É interessante ressaltar que ainda no ano de 1920 a FORA do 5º congresso mantinha o apoio à Revolução Russa.¹¹⁷

Novas mexidas aconteceram em março de 1922. Enfraquecida, a FORA do 9º congresso convocou um congresso ao qual compareceram alguns sindicatos da FORA do 5º congresso. Neste ano, as greves radicais protagonizadas por ambas, causaram tamanha preocupação que os capitalistas

¹¹⁴ BAYER, op. cit., p. 48.

¹¹⁵ RAGO, op. cit., p. 125.

¹¹⁶ CHERRESKY, op. cit., p. 157.

¹¹⁷ Ibidem, p. 159.

ingleses, temendo que a situação fugisse ao controle, conseguiram pressionar o governo inglês que enviou esquadras da marinha e ameaçou invadir a Argentina.¹¹⁸

Durante muito tempo discutiu-se a Revolução Russa nos meios operários e entre os anarquistas. A posição inicial, e praticamente consensual, foi de total apoio à revolução durante cerca de 3 a 4 anos. Depois deste prazo tornou-se cada vez maior o número daqueles que passaram a criticar duramente esta revolução. No Rio da Prata surgiu uma corrente no meio anarquista que se chamou de “anarco-bolchevique”¹¹⁹, e apesar de manter muita coisa do anarquismo, defendia a Revolução Russa e a ditadura do proletariado. Estes anarco-bolcheviques permaneceram na FORA do 5º congresso durante anos e somente em 1922 se aliaram à FORA do 9º congresso e fundaram em conjunto a *Unión Sindical Argentina, USA*, que seria majoritária desde sua fundação até 1928.¹²⁰

Também no Uruguai começaram a aparecer as primeiras cisões. Logicamente que sempre existiram as centrais socialista e democrata-cristã, mas sempre com peso inexpressivo, e na verdade, a FORU agia quase como uma central única. Esta situação mudou em 1923 quando foi fundada a *Unión Sindical Uruguaya (USU)* inspirada na USA argentina e, adotando princípios do sindicalismo revolucionário, e abrindo mão dos pontos ideológicos anarquistas que caracterizavam a FORU.

A formação da USU aconteceu num momento de grave crise econômica no país, decorrente da queda abrupta das exportações, que no período entre 1920 e 1923 as caíram pela metade.¹²¹ A situação difícil da economia uruguaia trouxe consigo um aumento da repressão. A atitude do batllismo em relação ao movimento operário neste momentos não foi tão afável como se costuma mostrar. O 1º de Maio de 1923 registrou este fato:

“Em nosso país também o 1º de maio custou sangue. Assim, no 1º de maio 1923, quando se vivia no suposto paraíso *batllista*, os trabalhadores desfilavam rumo a Plaza Libertad (...) a cavalaria republicana (...) arremeteu, sabre em mãos, deixando uma porção de operários feridos e estirado ao chão o cadáver de Jesús Salanter, (...)”¹²²

A USU porém, marcou algumas diferenças com a USA. Enquanto na Argentina socialistas e comunistas eram maioria na central e os anarquistas minoria, na USU aconteceu o contrário, os anarquistas sempre foram maioria, tanto que em 1924 dirigentes comunistas foram excluídos da direção. Anarquistas de destaque como Maria Collazo, Virginia Bolten e Roberto Coteló foram fundadores da USU.¹²³ Outro diferencial em relação ao processo argentino é que a USU abalou muito mais a FORU, do que a USA abalara a FORA. Um dos pontos de embate entre os anarquistas uruguaios que ficaram e saíram da FORU esteve relacionado com a Revolução Russa. A maioria dos anarquistas uruguaios nesta época manteve o apoio à Revolução Russa, ainda que reticente.

No ano de 1924 houve uma retomada da economia no Uruguai. Cresceu o número de assalariados na indústria, os ramos de construção e transporte cresceram muito, sobretudo devido aos investimentos estatais e proliferaram obras públicas de grande porte em Montevideú. Neste período, o movimento sindical começou a entrar em crise, caracterizada por cisões, tentativas frustradas de formação de centrais e descenso na porcentagem de trabalhadores sindicalizados. Em 1926, por exemplo, a USU havia perdido cerca de 40% de seus filiados em relação a 1923, ano de sua fundação. Mesmo assim permaneceu sendo a principal central sindical do país até 1928.

¹¹⁸ BELLONI, op. cit., p. 34.

¹¹⁹ Ver a tese de doutorado de DOESWIJK, Andreas. *Entre camaleões e cristalizados: os anarco-bolcheviques rioplatenses*. IFCH, UNICAMP, 1998.

¹²⁰ RAMA, Carlos Maria. *Historia del movimiento obrero y social latinoamericano contemporaneo*. Buenos Aires/Montevideú: Palestra, 1967. p. 103.

¹²¹ TOURON; LANDINELLI, op. cit., p. 259.

¹²² 1º DE MAYO de Lucha. *Solidaridad*, Montevideú, maio 1988. p 8-9.

¹²³ RAGO, op. cit., p. 110.

A força dos comunistas no movimento sindical ainda estava longe de ser majoritária, mas o PCU já constituía um setor importante nos sindicatos. Por volta de 1927, comunistas e anarco-sindicalistas formaram o *Bloque de Unidad Obrera* (dentro da USU) que, ao contrário da posição majoritária da USU, defendia não somente a Revolução Russa sem restrições, mas também a filiação à Internacional Sindical Vermelha. Em 1928, o “Bloque” foi expulso da USU, e seus membros fundaram em maio de 1929, a *Confederación General del Trabajo en Uruguay*, a CGT. Esta central nasceu com 37 sindicatos, entre eles sindicatos importantes como construção, marítimos, portuários, frigoríficos, sindicatos chamados autônomos (influenciados por sindicalistas revolucionários e anarco-sindicalistas, sindicatos que estavam agrupados num bloco chamado Alianza Libertária¹²⁴) Porém, já em 1930 estes libertários, “anarco-bolcheviques”, racharam com a linha majoritária comunista e a CGT decaiu para 22 sindicatos em 1931, e para apenas 16 em 1932.

Neste período de cisões e profunda divisão do proletariado uruguaio somente uma causa conseguiu unificar todas as tendências: as várias manifestações em defesa dos anarquistas italianos Sacco e Vanzetti, condenados à morte nos EUA. A maior delas foi em 1928, o país todo parou num dia de greve geral em defesa de Sacco e Vanzetti.¹²⁵ Quanto à outrora poderosa FORU, chegou em 1929 possuindo somente um sindicato, o *Sindicato Único del Automóvil*. O seu conselho federal não funcionava, os principais militantes antigos haviam passado à USU ou ao *Bloque de Unidad Obrera*, de inspiração bolchevique.¹²⁶

Parte da crise do movimento sindical esteve relacionada com as dificuldades de adaptação à nova conjuntura que se vivia a partir de meados da década de 20. O Uruguai era um país bem diferente daquele existente nas primeiras décadas do século XX. De 1920 para 1930, o número de assalariados industriais cresceu de 50 mil para 77.588.¹²⁷ O número de funcionários públicos havia multiplicado em 2,5 vezes em relação a 1900.¹²⁸ A década de 20 assistiu a emergência da febre do futebol, abrindo espaços de sociabilidade até então inexistentes e que concorriam com os espaços vinculados aos sindicatos, aos anarquistas e aos socialistas.

No final da década de 20, novos atores sociais passaram a ocupar a cena: os estudantes e intelectuais não apenas começaram a se movimentar como se vincularam desde o princípio às lutas operárias de tom anti-imperialista, que acabaram congregando diversos atores sociais e forças políticas. Influências que pesaram nesta conjuntura foram a Revolução Russa, o movimento de Reforma Universitária, os movimentos contra as agressões dos EUA na América Central e a luta de Sandino na Nicarágua. Todas estas lutas convergiram para a formação da Liga Antimperialista no Uruguai.¹²⁹ No bojo destas lutas, os estudantes batalharam pela conquista da autonomia universitária, tentando impor uma mudança na constituição. O movimento estudantil cresceu nesta luta e em 1929 surgiu a Federação dos Estudantes Universitários Uruguaios, a FEUU, também com influência libertária.

As organizações sindicais se ideologizavam, na medida em que se dividiam e passavam a ser monopolizadas por uma ou outra tendência política. No caso da FORU ela acabou gerando a exclusão de boa parte do proletariado que não se afinava com as idéias libertárias: “(...) a FORU sobreviveu também até os anos 50, foi se convertendo cada vez mais num núcleo fechado, com escassa influência.”¹³⁰ De fato, muitos trabalhadores nem sequer tiveram a oportunidade de se incluir no movimento sindical, para que através do processo de lutas desenvolvessem convicções políticas:

¹²⁴ TOURON, ; LANDINELLI, op. cit., p. 261; RAMA, op. cit., p. 103.

¹²⁵ TOURON; LANDINELLI, op. cit., p. 261.

¹²⁶ RAMA; CAPPELLETTI, op. cit., p. LXVI.

¹²⁷ O número não inclui trabalhadores em transporte e construção civil.

¹²⁸ TOURON; LANDINELLI, op. cit., p. 259.

¹²⁹ Ibidem, p. 262.

¹³⁰ CORES, op. cit., p. 135-136.

“A conversão da organização sindical num verdadeiro ‘partido apolítico’ anarquista dificultou a incorporação aos sindicatos de massas operárias e sobretudo a educação política do proletariado.”¹³¹

A CRISE DE 1929 E A RESISTÊNCIA À DITADURA DE GABRIEL TERRA

A política econômica do batllismo significou um giro do país na direção do setor industrial. O controle do Estado foi eficaz no sentido de redistribuir os ingressos e apoiar a formação de uma base manufatureira. Desta forma o batllismo utilizou o Estado para promover mudanças que reduziram a importância econômica dos latifundiários e fortaleceram a burguesia industrial, com a inevitável consequência de ampliar a classe trabalhadora e a base de sustentação urbana do regime. Em 1930 o PIB (produto interno bruto) manufatureiro do Uruguai representava 12%. No mesmo período, apenas México e Argentina eram relativamente mais industrializados do que o Uruguai.¹³² Mesmo assim, a situação subordinada do país não se alterou substancialmente. O Uruguai seguiu sendo um país que desde suas origens compartilhou traços básicos com o restante da América Latina. Se referem a sua inserção subordinada no contexto internacional e a uma estrutura produtiva baseada em atividades primárias. No entanto, as peculiaridades do processo histórico nacional foram tão importantes como estes traços comuns: diversificação incipiente mas precoce da estrutura produtiva, escassa população, imigração européia, padrões e valores urbanos, presença central do Estado e co-participação da classe economicamente dominante no poder político conformaram - em conjunto - um perfil próprio e muito diferente daquele que se materializou em outras áreas da região sul-americana.¹³³

Os efeitos da crise de 1929 no Uruguai não se converterem de imediato em crise institucional, com a burguesia mantendo o poder político e cedendo pouco espaço à oligarquia. A indústria inclusive teve um aumento de rentabilidade no período de 1929 a 1933. No entanto os setores agro-exportadores foram afetados diretamente com a redução de 60% no total das exportações de carnes e logo a seguir um corte de 10% nas importações de carne por parte da Inglaterra, país que mantinha uma cota de importação fixa, o que garantia até então uma certa estabilidade ao Uruguai diante da diminuição dos fluxos do comércio internacional. Com a queda dos preços dos produtos de exportação o Uruguai teve que se deparar com um déficit na balança comercial. Foi forçado a desvalorizar o peso em dois terços diante das moedas fortes da economia mundial, para alcançar preços mais competitivos no mercado internacional e estimular as exportações. Entretanto, esta medida não foi suficiente para contornar uma crise de proporções mundiais. Os sinais mais visíveis da crise para a população foram: a suspensão do pagamento de pensões estatais para aposentados e as demissões massivas nas empresas (o número de desempregados chegou a 50 mil, o que era uma cifra elevada para os padrões uruguaios do período).¹³⁴

Esta situação perdurou durante alguns anos e em 1932 o preço da carne exportada tinha caído 55% em relação ao ano de 1929. Quanto ao volume de exportações, em 1934 caíra 40% em relação a 1929.¹³⁵ A crise revelou um fato que se procurava disfarçar sob o manto do Uruguai moderno e urbano: a dependência econômica em relação às oligarquias rurais. O gado, incluindo carnes, couros e peles, era responsável por 90% das exportações. O país seguiu importando artigos de bens consumo, enquanto as relações sociais e de propriedade no campo permaneciam intocadas e o rebanho de gado permanecia estagnado numericamente desde 1908.¹³⁶

¹³¹ TOURON; LANDINELLI, op. cit., p. 254-255.

¹³² DE SIERRA, op. cit., p. 437.

¹³³ ASTORI, op. cit., p. 112-113.

¹³⁴ MACHADO, op. cit., p. 97.

¹³⁵ TOURON; LANDINELLI, op. cit., p. 259.

¹³⁶ Ibidem, p. 259.

Diante destes fatos a ala batllista do Partido Colorado desatou uma ofensiva nacionalista no plano econômico, que incomodou bastante o capital estrangeiro, sobretudo o inglês. Algumas medidas tomadas, como a criação do Frigorífico Nacional, acontecida em 1928, já haviam desagradado bastante os interesses ingleses, mas isso foi pouco perto do que viria depois. A comoção com a morte de Batlle em 1929, acabou sendo um fator ideológico habilmente manejado por sua ala, que soube tirar dividendos políticos da comoção popular e convertê-la em apoio para suas reformas econômicas.

Num curto espaço de tempo, cerca de 3 anos, o conselho de administração, uma das cabeças do executivo, no qual a maioria era batllista, adotou uma série de medidas, a contragosto do próprio presidente¹³⁷, que incomodou muito os interesses do capital estrangeiro. Somamos a isso a perda da base de apoio das massas no momento de crise, motivadas pelo desemprego e restrição de direitos sociais. Para completar este quadro temos a insatisfação da oligarquia agro-exportadora. Os setores dominantes desejavam uma mudança rápida de rumos, no entanto o sistema político uruguaio engessava estas possibilidades e possuía muitos entraves legais para uma repentina guinada à direita.

No Uruguai ensaiava-se um giro à direita, que começou em 1929 com a eleição do presidente Gabriel Terra, apoiado pelos batllistas. Terra acentuou a repressão ao movimento operário desde o princípio de seu governo. Mesmo assim foram aprovadas muitas leis de caráter social que tramitavam há anos no parlamento: indenização por acidentes de trabalho, descanso semanal obrigatório, salário mínimo rural e a extensão da aposentadoria a várias categorias ainda não contempladas.

Em 1930, já depois da morte de Batlle, o advogado Gabriel Terra, tido como um “batllista heterodoxo”, porém de longa data, buscou assumir a liderança desta fração e por conseguinte do Partido Colorado. Apesar de enfrentar algumas resistências conseguiu seu intento e foi o candidato dos batllistas à presidência. No entanto, Terra já dava sinais que indicavam uma guinada direitista, toda sua campanha foi feita em cima de lemas do tipo: “existem muitos organismos administrando, mas ninguém governando o país”.¹³⁸

Os regimes autoritários de várias matizes foram a resposta política das classes dominantes latino-americanas para a crise que se instaurara.¹³⁹ O Uruguai era apenas parte deste amplo processo de guinada autoritária à direita. Sem desprezar as particularidade deste processo em cada país, podemos afirmar que se tratou de um fenômeno generalizado na América Latina daquele período.¹⁴⁰

¹³⁷ Entre as principais estavam: proibição de importação de supérfluos, taxaço em 48% nas demais importações (medida que baixou de 90 para 55 milhões de pesos o valor das importações), concentração no banco estatal de todas as operações financeiras para exterior e obrigou empresas estrangeiras a depositar seu capital no banco estatal para deter remessas de lucro, suspendeu-se o pagamento da dívida externa, empréstimos foram concedidos aos agricultores, iniciou-se a instalação de uma fábrica de sulfato de cobre, instalou-se a termoeletrica Batlle, as oficinas públicas foram obrigadas a utilizar somente produtos nacionais, estatizou-se a telefonia, foi inaugurada a Faculdade de Ciências Econômicas, implantada a semana inglesa de 44 horas como forma de reduzir o desemprego (em alguns setores a jornada caiu para 5 horas), o direito ao voto foi estendido à mulher e decidiu-se criar a ANCAP (Administración Nacional de Combustibles, Alcohol y Portland), empresa que monopolizaria comercialização, transporte e importação de petróleo, fato que incomodou muito a West India, companhia que agregava no Uruguai a Shell e a Esso, sobretudo quando o governo decidiu importar petróleo bruto da URSS. Cf. MACHADO, op. cit., p. 98-100.

¹³⁸ CAETANO; Gerado; RILLA, José. *Historia Contemporanea del Uruguay: de la colonia al mercosur*. Montevideu: CLAEH/Fin de Siglo, 1998. p. 149.

¹³⁹ MACHADO, op. cit., p. 104.

¹⁴⁰ Na Bolívia, Hernando Siles foi derrubado por militares em 1930 e depois, em 1937 militares nacionalistas assumiram o poder. Na República Dominicana, também em 1931, Vasquez foi derrubado por militares sob comando do Gal. Trujillo. No Chile, Carlos Ybanez foi derrubado por militares em 1931. No Equador Isidoro Ayora também foi derrubado pelos militares sob as ordens do Cel. Larrea em 1931. Na Venezuela Juan B, Perez foi removido à força em 1931. Nos países da América Central, temos o Gal. Maximiliano Hernández tomando o poder em El Salvador no ano de 1931. No Panamá, os militares derrubaram presidente e colocaram o próprio embaixador americano no poder também em 1931. Na Nicarágua, a Guarda Nacional derrubou o presidente Sacasa em 1936. Na Guatemala uma eleição fraudulenta garantiu o poder ao General Ubico, ligado a companhia United Fruit em 1931. A mesma companhia garantiu a fraude no pleito que elegeu Gal. Tiburcio Carías em Honduras. No Brasil tivemos a ascensão de Getúlio Vargas em 1930. No Peru, em 1930 o Presidente Leguía foi

Quanto à Argentina, no dia 6 de setembro de 1930 o Gal. Uriburu comandou um golpe de estado na Argentina derrubando o até então presidente Ypólito Yrigoyen. A ligação do general, pretensamente nacionalista, com os grupos petrolíferos estrangeiros era notória, tanto que 3 de seus 8 ministros eram membros de empresas petrolíferas.¹⁴¹ A partir deste golpe teve início aquela que ficou conhecida na Argentina como a “década infame”¹⁴², marcada por uma brutal repressão sobre o movimento operário e o anarquismo. O período mais tenebroso da repressão foram os dezoito meses em que o Gal. Uriburu esteve no poder.

A FORA sofreu uma imensa repressão e mesmo com as baixas sofridas durante a década de 1920 a federação chegou em 1930 com mais de 102 mil filiados, um número expressivo para a época¹⁴³, que fazia da FORA, apesar de todas as cisões, unificações e disputas sindicais, a maior das centrais argentinas até 1930.¹⁴⁴ Dez anos depois a repressão havia contribuído bastante para destruir o sindicalismo de tom mais combativo e a correlação de forças havia se alterado de maneira substancial.¹⁴⁵

Com o movimento anarquista, em especial, a repressão organizada por Uriburu foi implacável.¹⁴⁶ Severino Di Giovanni, um dos anarquistas expropriadores mais destacados foi fuzilado durante este período.¹⁴⁷ O Gal. Uriburu havia nomeado um senhor chamado Rosasco, conhecido pelo seu ódio aos militantes operários em geral e pelos seus métodos “eficazes” de interrogatório, como chefe de polícia e o encarregou diretamente de “hacer una limpia”, principalmente no bairro operário de Avellaneda, onde se concentravam muitos militantes anarquistas. Em poucas semanas Rosasco prendeu, torturou e deportou dezenas de militantes. Entretanto, desafiando a ditadura, os trabalhadores portuários entraram em greve. Este sindicato era tradicionalmente um reduto de militantes anarquistas e a influência libertária já vinha de longa data. Durante a greve, Rosasco como de praxe prendeu e torturou vários militantes sindicais. Morán¹⁴⁸ se vingou alguns dias depois executando o chefe de polícia a balas dentro de um restaurante. Foi talvez o último ato de vingança realizado por um anarquista expropriador neste período.¹⁴⁹

Também no Uruguai a reação golpista tomava fôlego e se articulou progressivamente. No processo de preparação do golpe teve importância fundamental a formação do *Comité de Vigilancia Económica*, que unificou num só bloco a Federação Rural, a Federação de Indústrias e a Câmara de Comércio, ou seja; praticamente toda a classe dominante uruguaia.¹⁵⁰ Este comitê, apelidado pelo povo de “comitê do vintém”, fixou como objetivo “neutralizar o perigo de um efetivo reformismo e iniciar

derrubado por militares nacionalistas. Em Cuba, no ano de 1933 Gerardo Machado era derrubado por militares sob mando de Fulgêncio Batista. No Paraguai, Ayala foi derrubado pelo coronel nacionalista Franco, em 1936.

¹⁴¹ MACHADO, op. cit., p. 107.

¹⁴² KAPLAN, Marcos. Cinquenta anos de história argentina (1925-1975): *o labirinto da frustração*. In: *América Latina, história de meio século*. Brasília: EdUNB, 1988. p. 36.

¹⁴³ RAMA; CAPPELLETTI, op. cit., p. XXXIX.

¹⁴⁴ A COA tinha, no mesmo período, 93 mil filiados e a USA 22 mil.

¹⁴⁵ A CGT possuía 311 mil membros, a USA 32 mil e a FORA, somando os chamados sindicatos autônomos, impulsionados por anarquistas 120 mil membros. Cf. RAMA, op. cit., p. 99.

¹⁴⁶ *Ibidem*, p. 96.

¹⁴⁷ RAMA; CAPPELLETTI, op. cit., p. XXXIX.

¹⁴⁸ Uma das figuras mais destacadas do anarquismo entre os trabalhadores marítimos era Juan Antonio Morán, sindicalista de dia, expropriador durante a noite. Vejamos uma descrição sobre as greves portuárias e a atitude deste anarquista durante os conflitos: “(...) Quando é greve, é greve, e não se admite *pelegos* e *crumiros*, porém ele não ordena piquetes de greve enquanto fica no sindicato; não sai ele mesmo a percorrer o porto, e quando sai leva uma pistola na cinta. Quando os marítimos que se recusam a cumprir as ordens o vem aparecer, deixam o trabalho de imediato. E se não param, os pára Morán. Numa oportunidade, num barco na Boca, Morán ve desde longe que há um pelego trabalhando. Saca a pistola, aponta acima da cabeça do pelego e atira. O argumento é suficiente. O pelego pára e desaparece correndo.” Cf. BAYER, op. cit., p. 89.

¹⁴⁹ *Ibidem*, p. 89-92.

¹⁵⁰ MACHADO, op. cit., p. 102.

organicamente a obra defensiva.”¹⁵¹ Também existiu um forte apoio do capital internacional, sobretudo o ligado às empresas petroleiras, prejudicadas pela política econômica vigente naquele momento. Um dos objetivos da escalada golpista foi atacar o movimento sindical uruguaio, que apesar da falta de unidade, permanecia autônomo em relação ao Estado. Nestes anos imediatamente anteriores ao golpe de estado, especialmente em fevereiro de 1932, aconteceu uma grande ofensiva contra os sindicatos, com fechamento de jornais operários, socialistas e anarquistas, mais de 600 militantes presos e torturados.¹⁵²

Durante o ano de 1933, ocorreram vários ataques de grupos de direita a partidos e sindicatos de esquerda¹⁵³, um fato inusitado naqueles tempos. A formação de grupos para-militares de direita foi um reflexo claro dos limites legais para a ação policial, o que forçou a direita a transcender as margens da legalidade para atingir seus intentos. Nestes anos antes do golpe, membros da polícia começaram a emitir abertamente opiniões políticas de tom claramente direitista, uma outra novidade na vida política uruguaia do século XX. O Dr. Demichelli, chefe da polícia, reclamou repetidas vezes contra os limites legais para atuação policial.¹⁵⁴

Na política estatal havia uma grande fragmentação do poder. Na presidência Gabriel Terra, um colorado minoritário, enfrentado com a ala majoritária dos batllistas. No conselho nacional detinham maioria os colorados adversários de Terra. Já na esfera do legislativo, o senado era controlado por ampla maioria de nacionalistas do Partido Blanco, enquanto na câmara existia uma apertada maioria *blanca*. Nesta escalada golpista o jornal *El Pueblo*, porta-voz da fração de Gabriel Terra, publicou o seguinte editorial:

“Não há que se temer o fetichismo do respeito aos textos constitucionais. Se este fetichismo fosse a lei moral da democracia, as monarquias seguiriam dominando porque elas eram o fruto da lei em vigor e foi a reparadora violência que deu ao povo o regime democrático republicano. Quando essa lei em vigor contraria a maioria do país e a minoria não se entrega, todas as portas se fecham e se abrem as janelas como única saída possível.”

Neste processo de escalada golpista, notamos o quanto pesava na sociedade uruguaia a tradição democrática fortalecida durante as décadas de hegemonia batllista. O discurso golpista evoluiu paulatinamente, sempre fez menção à constituição, funcionou através de ameaças indiretas e nunca foi tão aberto quanto em outros países da América Latina. Podemos dizer que o golpe de Terra foi um processo de cerca de 3 anos de duração, e não teve o caráter rupturista da maioria dos países latino-americanos. A ameaça velada de golpe passou sempre pela legalidade, pela constituição. Num de seus discursos o presidente Terra recordou outros golpes na América Latina, e depois disso afirmou que não fazer o plebiscito era “(...) uma estupidez capaz de causar graves consequências”¹⁵⁵

Em termos ideológicos, a fração terrista tinha uma nítida simpatia pelas posições nazi-fascistas, em especial por Mussolini. E não eram apenas simpatias, a embaixada italiana no Uruguai contribuiu diretamente para a preparação do golpe de estado de Gabriel Terra, prestando apoio incondicional a seu governo. Foram rotina as festas promovidas pela embaixada italiana, que contavam com a presença de toda a camarilha do governo.¹⁵⁶ O ministro italiano Mazzolini, o conde Serafino, visitou Montevideu em 1932, percorreu vários redutos de italianos conseguindo adeptos para o fascismo, que montaram no

¹⁵¹ CAETANO; RILLA, op. cit., p. 148.

¹⁵² MACHADO, op. cit., p. 103.

¹⁵³ Ibidem, p. 103.

¹⁵⁴ Ibidem, p. 108.

¹⁵⁵ Ibidem, p. 109.

¹⁵⁶ RAGO, op. cit., p. 132.

Uruguai círculos fascistas italianos.¹⁵⁷ Esta relação contribuiria depois para repressão ao movimento operário, aos anarquistas e socialistas, tema do qual falaremos mais adiante.

A estabilidade do regime resistiu até 1933, quando Gabriel Terra, então presidente, protagonizou um golpe de Estado e instaurou uma ditadura, que não era militar. Durante este período, 1933 a 1938, viu-se um governo que reprimiu os sindicatos, partidos de oposição e apoiou declaradamente o Eixo no plano internacional.

O golpe de Terra teve algumas particularidades. Antes de mais nada foi um golpe realizado pelo próprio presidente da república, ao contrário da maioria dos golpes na América Latina, que aconteceram depondo presidentes eleitos. Outra marca deste golpe foi o seu caráter civil, mais do que isso, partindo de dentro do tradicional sistema partidário uruguaio. Não existiu a possibilidade real de uma alternativa extrapartidária que conduzisse o processo golpista e fizesse cargo das responsabilidades governamentais depois da quebra institucional.¹⁵⁸ Nesta época havia se forjado um exército respeitoso das tradições civis e democráticas no país, não houve então ditadura militar, as Forças Armadas foram atores apenas secundários e discretos do golpe de Estado.¹⁵⁹

A data que se convencionou demarcar como o dia do golpe foi 30 de março de 1933. O presidente decretou intervenção nas prisões, censura prévia aos órgãos de imprensa que atribuísem intenções ditatoriais ao presidente, possibilidade de cortes de água e luz a cargo da polícia e controle dos telefones e telégrafos pela polícia.¹⁶⁰ Para Gallinal, um nacionalista independente, “a ditadura chegava com passos furtivos, balbuciando palavras de desculpa.”¹⁶¹

Notemos que o presidente tomou as medidas ditatoriais fazendo uso de prerrogativas constitucionais, tanto que o parlamento não foi dissolvido. Formalmente seguiu-se dentro da legalidade. No dia seguinte, em 31 de março de 1933, o parlamento se reuniu para avaliar as medidas decretadas pelo presidente. Depois das discussões de praxe, numa sessão que adentrou a madrugada, a maioria rejeitou as medidas de Terra, por 64 votos contra 42. Somente depois disso, Gabriel Terra realmente atropelou a constituição. Decretou junto com Baldomir, chefe da polícia, a criação de uma junta de governo para assessorar a presidência, mandou prender conselheiros, legisladores, dirigentes políticos opositores, e no final das contas, decretou a convocação de eleições para uma constituinte.¹⁶² Terra promoveu a desvalorização a moeda, gerando inflação e procurando ajudar os setores agro-exportadores - do qual era um representante direto - fechou as importações, rebaixou o nível salarial e acelerou a estatização.

Um dos efeitos mais imediatos do golpe foi o incremento da repressão. Ao mesmo tempo o jornal *El Debate* anunciava “a cavalheiresca tolerância dos vencedores (...) nem uma perseguição, nem uma vingança, nem uma vítima.”¹⁶³ Ideologia à parte, a verdade é que desta vez até mesmo setores moderados, como os pertencentes ao batllismo, do mesmo partido do presidente Terra, foram atingidos pelo desterro. Julio Cesar Grauert membro da ala batllista “avanzar” (a mais radical ala colorada, única que falava de socialismo) foi fuzilado quando saía de seu carro.¹⁶⁴ Seu enterro, em 26 de outubro de 1933, tornou-se uma imensa manifestação anti-ditadura.¹⁶⁵

Três meses depois do golpe de estado, em plena ditadura, o presidente convocou eleições diretas para a assembléia nacional constituinte. Batllistas, nacionalistas independentes, socialistas e comunistas decidiram boicotar esta eleição. O total de votos foi menor do que nas eleições de 1930, 70 mil

¹⁵⁷ Ibidem, p. 133.

¹⁵⁸ CAETANO; RILLA, op. cit., p. 155.

¹⁵⁹ Ibidem, p. 155.

¹⁶⁰ MACHADO, op. cit., p. 111.

¹⁶¹ EL PAÍS. Montevideú, 9 set. 1963.

¹⁶² DE SIERRA, op. cit., p. 440.

¹⁶³ EL DEBATE. Montevideú, 4 abr. 1933.

¹⁶⁴ MACHADO, op. cit., p. 117.

¹⁶⁵ TOURON; LANDINELLI, op. cit., p. 263.

eleitores deixaram de ir às urnas. Também se registraram fraudes eleitorais nítidas em vários pontos do país.¹⁶⁶ A reforma constitucional, forçada pela ditadura, alterou a constituição e o código penal, com a implantação de leis repressivas ao movimento operário e de aberta conotação fascista.¹⁶⁷ Outra decisão da constituinte foi a prorrogação do mandato presidencial por mais quatro anos, até 1938. Para os terristas, a reforma iniciava “la Tercera República” no Uruguai; já para os opositores iniciava “una república de tercera”.

A polícia uruguaia agiu em estreita colaboração com a polícia italiana neste período, mantendo uma troca de informações regulares sobre os italianos em território uruguaio. Vigados pela polícia, com as correspondências violadas, muitos militantes italianos foram demitidos de seus empregos e perseguidos de várias formas no Uruguai. Os casos mais extremos foram os de deportação. Militantes anarquistas como Ugo Fedeli, Antonio Destro, Santiago Barca e Giulio Stefani foram entregues a Mussolini.¹⁶⁸ Aliás, o próprio Gabriel Terra realizou uma viagem oficial à Itália, onde firmou tratados comerciais e foi homenageado por Benito Mussolini.¹⁶⁹

Também os sindicatos foram muito afetados nos primeiros meses, os sindicalistas uruguaios não estavam preparados para lidar com um governo ditatorial. Para termos uma noção das baixas no sindicalismo na época a FORU, CGTU e USU juntas totalizavam apenas 80 sindicatos na capital¹⁷⁰, um número muito baixo levando em conta que em 1904, com um proletariado bem menos numeroso, somente a FORU tinha cerca de 40 sindicatos. Diante de todas estas medidas repressivas começou a perder sentido qualquer referência ao regime de Terra como “dictablanda” ou “ditamole”; a dita era mesmo dura.

O governo ditatorial ainda buscava legitimação política e convocou um plebiscito para decidir sobre o regime presidencialista, sem que o presidente necessitasse compartilhar o poder executivo com qualquer tipo de conselho colegiado. Em 19 de abril de 1934, com 220 mil votos pelo sim e apenas 10 mil pelo não, venceu a proposta do governo. Quanto às fraudes todos os indícios mostram que seguia sendo uma prática largamente utilizada, mesmo no plebiscito.

Outra ofensiva da ditadura em 1934 foi a tentativa de suprimir a autonomia universitária no país.¹⁷¹ Entretanto, as greves de professores e estudantes agitaram o Uruguai em março de 1934¹⁷², obrigando o executivo a recuar e engavetar o projeto. O saldo mais notável deste momento foi o crescimento do movimento estudantil e da participação dos intelectuais na vida política e movimentos sociais do país.

A oposição à ditadura de Terra ensejou uma unificação e no mês de agosto de 1934, foi convocada uma manifestação que prometia ser massiva. Estariam participando do ato os colorados batllistas, os blancos radicais, os nacionalistas independentes, Partido Socialista, Partido Comunista e as três centrais sindicais (CGTU, FORU e USU). A manifestação seria o ensaio geral para uma ampla aliança anti-ditadura e “prometia” unir desde os setores proletários até a burguesia liberal e nacionalista. Mas este belo arco-íris policlassista se desmanchou como castelo de areia quando um conflito trabalhista trouxe à tona a questão de classe novamente. Os trabalhadores gráficos do jornal *El Día*, da ala colorada batllista, estavam em conflito com os patrões, quando se descobriu um acordo visando derrotar o movimento dos trabalhadores entre este jornal e os jornais governistas, *El Debate*, *La Mañana* y *El Pueblo*.¹⁷³ Foi o suficiente para acabar com a manifestação, revelando que a

¹⁶⁶ MACHADO, op. cit., p. 116.

¹⁶⁷ TOURON; LANDINELLI, op. cit., p. 262.

¹⁶⁸ RAGO, op. cit., p. 133

¹⁶⁹ CAETANO; RILLA, op. cit., p. 149. Também com a Alemanha, Gabriel Terra celebrou acordos comerciais.

¹⁷⁰ RAMA, op. cit., p. 104.

¹⁷¹ TOURON; LANDINELLI, op. cit., p. 268.

¹⁷² MACHADO, op. cit., p. 122.

¹⁷³ *Ibidem*, p. 118.

solidariedade de classe entre os proprietários era mais forte do que suas divergências políticas. Diante disso as centrais sindicais rejeitaram o pacto.

O fracasso desta frente, que apenas se esboçava, fez com que a oposição concentrada nos partidos tradicionais (batllistas, nacionalistas e blancos independentes.) tentasse um contra-golpe militar, que acabou fracassando.¹⁷⁴

O maior efeito da tentativa de contra-golpe foi o incremento da repressão no país, ainda mais porque no mês de junho, quando Getúlio Vargas visitava o Uruguai, o presidente Gabriel Terra sofreu um atentado em Maroñas; levou um tiro que lhe pegou o ombro. A intensa repressão desatada fez baixas no próprio governo; muitos apoiadores, inclusive articuladores do golpe, se afastaram de Terra e passaram à oposição. No entanto, nada disso abalou naquele momento o poder do ditador.

No âmbito das relações exteriores os giros à direita foram se confirmando um a um. Primeiro aconteceu o rompimento de relações com a URSS, motivada por uma denúncia do governo brasileiro sobre supostos planos moscovitas centralizados no corpo diplomático soviético de Montevideú. O governo uruguaio mal investigou a questão, não apresentou indício algum sobre a veracidade da denúncia e procedeu o corte de relações “Como ato de solidariedade para com a nação brasileira e em salvaguarda de nossa própria tranquilidade interna”.¹⁷⁵ Também com a República Espanhola o governo uruguaio rompeu relações, sob a alegação vaga e pouco convincente, de que cidadãos uruguaios haviam sido assassinados na Espanha.

As empresas petroleiras que patrocinaram com entusiasmo o golpe de estado de Terra, não ficaram sem cobrar a conta. Em 1936, surgiu a “Lei Baltar”, que acabava com os monopólio da ANCAP nas questões de comercialização e refino de petróleo.¹⁷⁶ No final das contas a ANCAP tornou-se uma mera refinadora do petróleo que era extraído no início e vendido no final do processo pelas multinacionais. A aprovação destas leis e acordos com as empresas petroleiras pôs de manifesto algo muito claro, que muitos ingênuos julgavam ser devaneio oposicionista ou paranóia de socialistas, anarquistas e comunistas: a interferência externa direta de capitalistas petroleiros para o desenlace ditatorial de 1933.¹⁷⁷

Por volta de 1936, a oposição novamente se rearticulou, desta vez por caminhos diferentes. A solidariedade à Espanha, em luta contra o franquismo, uniu distintos setores no Uruguai, alguns defendendo a República Espanhola outros a Revolução. O fato é que este movimento teve imenso impacto no Uruguai. Cerca de 200 comitês de solidariedade à Espanha, com diversos nomes e matizes, funcionaram no país, aglutinando desde os batllistas até os anarquistas. Isso culminou numa manifestação gigantesca em 14 de julho de 1937, onde estiveram presentes além dos partidos de esquerda e centro-esquerda, todas as centrais sindicais, intelectuais e estudantes. O desdobramento do

¹⁷⁴ Buscaram contatos com setores descontentes do exército e se colocaram sob o comando de Basilio Munõz, um octogenário sobrevivente das revoluções de Saravia na virada do século. O fracasso foi rotundo; descoordenação total de ações, falhas em todos as regiões, regimentos que faltaram ao combate, etc. Miguel Rodriguez Tellechea, um dos “combatentes rebeldes” afirmou que “abandonou a pé o lugar de combate e esperou o ônibus inter-departamental na estrada de Colonia.” Cf. COTELO, Ruben. LOS 9 días que no comovieran el mundo. *Marcha*, 16 jan. 1970.

¹⁷⁵ ACEVEDO, Eduardo. *Después de Artigas*. Montevideú: Monteverde, 1943. p. 376.

¹⁷⁶ A partir desta lei se firmaram contratos pelos quais a ANCAP tinha que adquirir o petróleo bruto exclusivamente da Standard Oil e da Shell. Quanto aos preços, seriam fixados “pelo mercado mundial”; seis vezes maior no Texas, base destas companhias, do que na Venezuela por exemplo. Pelos mesmos acordos foi firmado que o pagamento que a ANCAP receberia pelo trabalho de refino deveria computar os custos administração, comercialização, distribuição e publicidade da Shell e da Esso. Finalmente, os impostos sobre os combustíveis comercializados eram os mesmos para ANCAP e para as distribuidoras estrangeiras. Como os custos da ANCAP eram os maiores pelos motivos já aludidos, obviamente o preço final dos combustíveis vendidos pela ANCAP eram os mais altos do país. Cf. MACHADO, op. cit., p. 126.

¹⁷⁷ Legnani, um moderado dirigente batllista, expressou a opinião de um setor que alguns anos antes, mesmo na oposição, se negava a acreditar nas motivações do golpe: “Nunca quis aceitar a suspeita de que a implantação do regime de força formava parte de um plano capitalista (...) Hoje mudei de opinião. Já não existe razão para escandalizar-se quando se afirma que o motor da ditadura trabalha nas empresas petroleiras estrangeiras.” Cf. *Ibidem*, p. 126.

movimento foi a unidade contra a ditadura de Gabriel Terra, associada à de Franco pela clara inspiração fascista.

Contribui para explicar a força destes movimentos de solidariedade internacional as mudanças que aconteceram nas migrações. Até a década de 1930 o principal motivo, tanto da migração interna campo-cidade, quanto da chegada de imigrantes estrangeiros, eram as dificuldades econômicas; os que chegavam a Montevideu procuravam melhores condições de vida. A partir da década de 1930 a migração do campo para a cidade praticamente estancou, permanecendo em níveis bastante inferiores em comparação com as décadas imediatamente anteriores. A imigração de estrangeiros também se restringiu bastante, seja pela crise econômica em que o Uruguai mergulhou, sejam pelas medidas restritivas impostas pela ditadura de Gabriel Terra.

No entanto, um outro tipo de imigrante começou a chegar no Uruguai: os perseguidos políticos. Atraídos pela imagem de democracia estável, pelo mito de “Suiça da América” que o Uruguai construía no exterior, o país foi bastante procurado pelos que fugiam de regimes autoritários de vários tipos: anti-fascistas italianos, judeus expulsos da Europa Central, espanhóis fugindo do franquismo, etc. O anarquista italiano Luigi Fabbri e sua filha Luce estão entre esta leva e chegam ao Uruguai em 1929.

Luce se encantou bastante com o país que encontrou, afirmando que o “O Uruguai era o único país ao qual se podia chegar sem passaporte.”¹⁷⁸ Esta imagem de país modelo se desfez rapidamente para os que chegaram no Uruguai e viveram sob a ditadura de Gabriel Terra, mas logicamente os mitos construídos fora do país tinham permanência e as notícias contemporâneas à ditadura não chegavam com a mesma força, para que fossem capazes de macular esta imagem. Embora não fosse um contingente numeroso, como fora o tipo de imigração anterior, estes imigrantes exerceram uma grande influência na vida política do país, através de discussão pública da situação de seus países de origem, publicações e engajamento nas lutas sociais que aconteciam no Uruguai.¹⁷⁹

Sobre as concepções sindicais que imperavam no Uruguai é interessante o olhar de anarquista italiano Luigi Fabbri, recém chegado ao país. Segundo sua filha Luce ele:

“(…) Não era partidário de sindicatos anarquistas, mas simplesmente de sindicatos operários onde os anarquistas poderiam fazer sua propaganda e tratar de ser o mais libertários possível, porém desde a base, assim como combatia o monopólio dos sindicatos que pretendiam exercer o socialismo em outros países.”¹⁸⁰

A posição é exatamente a mesma que Malatesta manifestara décadas atrás, quando esteve pela região do Rio da Prata. Trata-se da posição do anarco-comunismo organicista que discordava totalmente das posições anarco-sindicalistas ou sindicalistas revolucionárias de FORU e USU respectivamente.

Apesar da divisão e ideologização dos sindicatos, os trabalhadores exerceram um papel fundamental na luta contra a ditadura, que em meados de 1934 havia se tornado inviável sem eles. No final das contas, a pressão do movimento operário acabou funcionando como fator de redemocratização.¹⁸¹ Por outro lado, nenhum indício de unificação existiu no movimento operário. A atuação conjunta nos movimentos de solidariedade internacional não logrou unificar as centrais. Desde 1936 o regime dava mostras de buscar uma transição democrática. O partido socialista e o partido comunista fizeram uma aliança e tentaram se unificar numa nova central. Os anarquistas continuavam à margem de qualquer intento de unidade com os comunistas. Porém, em 1938, em menos de dois anos,

¹⁷⁸ RAGO, op. cit., p. 92.

¹⁷⁹ RAMA, op. cit., p. 94.

¹⁸⁰ RAGO, op. cit., p. 124.

¹⁸¹ RAMA, op. cit., p. 45.

os socialistas romperam com os comunistas, em parte por questões de conflito entre a 2ª Internacional¹⁸², a qual estavam filiados, e a linha da 3ª Internacional, seguida à risca pelo PCU.

Da parte dos anarquistas gestou-se um anti-comunismo mais ferrenho ainda com as notícias chegadas da Espanha sobre os conflitos entre anarquistas e comunistas na revolução. A novidade é que nos meios anarquistas surgiram discussões que começavam a questionar o paradigma anarco-sindicalista. A chegada do anarco-comunista Luigi Fabbri, as primeiras avaliações críticas sobre a atuação anarquista na Revolução Espanhola, as avaliações sobre o fracionamento sindical e a conseqüente perda de força dos trabalhadores, contribuíram para a reflexão sobre a viabilidade de uma federação especificamente anarquista no país e também em outras formas de atuação sindical distintas do anarco-sindicalismo.

A “REDEMOCRATIZAÇÃO FORÇADA” DE BALDOMIR E A RESISTÊNCIA À ESTATIZAÇÃO SINDICAL

Depois de oito anos com Gabriel Terra na presidência, foi eleito em 19 de junho de 1938, o General Alfredo Baldomir para a presidência do país. Baldomir havia sido ministro da defesa e chefe da polícia nos governos de Gabriel Terra; além de ser cunhado do mesmo. Depois de alguns anos abandonou o governo fazendo críticas a Terra, o que lhe garantiu certa simpatia de setores anti-ditatoriais. Todavia, isso foi uma hábil manobra de Gabriel Terra para preparar um sucessor de sua confiança.¹⁸³ Mas, uma vez eleito, Baldomir se reaproximou dos batllistas e deixou de lado a fração herrerista.¹⁸⁴

Alfredo Baldomir rapidamente começou uma campanha de reforma constitucional almejando restabelecer os antigos marcos democráticos suprimidos por Terra. O restabelecimento da democracia no Uruguai aconteceu de maneira *sui generis*. No dia 21 de fevereiro de 1942, cinco semanas antes da data marcada para as eleições o presidente comandou um golpe, também sem a participação dos militares e que transcorreu de maneira mais tranqüila ainda do que em 1933. A polícia cercou a sede do legislativo, a corte eleitoral e a casa da família do líder *blanco* Alberto Herrera. Foi o bastante para a queda das instituições. O presidente fez um pronunciamento através do rádio à nação e emitiu decretos que anulavam as principais alterações constitucionais inseridas por Gabriel Terra.

Não deixa de ser curioso que no Uruguai a ditadura tenha sido impulsionada por um presidente civil, eleito democraticamente e oriundo do batllismo; enquanto a redemocratização foi levada adiante por um General, aliado de Terra, eleito em pleito sabidamente fraudulento.¹⁸⁵ Um golpe para redemocratizar o país! Chamado por muitos de “golpe bueno”, uma vez que recolocou em vigor o tradicional sistema de partidos e listas. Não houve censuras, deportações, torturas ou perseguições políticas. Os maiores entusiastas deste golpe foram os batllistas, nacionalistas e o próprio Partido Comunista, uma vez que todos eles poderiam voltar à cena política, depois de 8 anos de abstenções forçadas.¹⁸⁶ Com o golpe, foi dissolvido o parlamento instaurou-se um conselho presidido pelo próprio presidente, que prorrogou seu mandato.

Mas nem todos os setores da esquerda receberam com tamanho otimismo e indisfarçável alegria o golpe que os recolocava na disputa pelo poder. Alguns setores democratas criticaram duramente o golpe, um deles foi o grupo que se reunia em torno de um novo jornal da época, que depois marcaria

¹⁸² TOURON; LANDINELLI, op. cit., p. 264.

¹⁸³ MACHADO, op. cit., p. 129.

¹⁸⁴ Setor do *Partido Nacional* que mais deu sustentação a Gabriel Terra, vinculado diretamente aos latifundiários. Cf. MACHADO, op. cit., p. 130-131.

¹⁸⁵ CAETANO; RILLA, op. cit., p. 164.

¹⁸⁶ *Ibidem*, p. 164.

muito a história uruguaia, *Marcha*. Num editorial escrito em 27 de fevereiro, ocupando uma página, em letra corpo 9 (coisa rara neste jornal), Carlos Quijano avaliava que:

“(...) O drama não está em que a força desfaça uma constituição que a força trouxe. O drama está no fato de que o país, para desembaçar-se desta constituição teve que aceitar os bons ofícios de um daqueles mesmos que a impôs (...) O drama está no fato de que ficou provado que a soberania reside na polícia (...) O drama está – finalmente – em que marxistas opositores e ditadores aparecem mesclados e confundidos (...)”¹⁸⁷

No final da década de 1930 a conjuntura internacional se alterou substancialmente com o início da 2ª Guerra Mundial e as pressões dos aliados, sobretudo dos EUA, por uma definição política por parte dos países latino-americanos. Uma grande polêmica entre “aliadófilos” e “neutralistas” ocorreu na sociedade uruguaia¹⁸⁸, sobretudo em 1939, quando o governo de Baldomir proclamou a neutralidade do Uruguai na guerra. Mas a presença de navios alemães próximos às praias uruguaias e a pressão da diplomacia inglesa e norte-americana conseguiram na prática o apoio uruguaio aos aliados, em nome da “paz panamericana”. O resultado final foi a derrota e o desprestígio dos setores ligados a Gabriel Terra, simpáticos ao eixo. É possível afirmar que entre 1933 e 1940 fracassou a tentativa de impor projeto agrarista e conservador no Uruguai. A partir de então a burguesia industrial voltaria a ganhar terreno no campo político, orientando novamente as políticas econômicas estatais a seu favor.¹⁸⁹

Algo que merece ser ressaltado, e que neste sentido marcou uma grande diferença em relação a Brasil e Argentina, é o fato de que a ditadura não conseguiu eliminar vanguarda sindical com a repressão, assim como não logrou estatizar os sindicatos, que mantiveram sua autonomia.¹⁹⁰ No início da década de 1940 a classe trabalhadora havia crescido numericamente, mas não foi apenas uma mudança quantitativa, surgiram muitos setores de trabalhadores assalariados não operários, vinculados aos serviços, setor público, empresas estatais e comércio. Outro elemento que repercutiu na configuração da classe trabalhadora uruguaia foi a educação. O sistema educacional uruguaio alcançou no final da década de 1930 a escolarização secundária quase total da população.¹⁹¹ Evidentemente esta preparação escolar, perseguida pelos liberais uruguaiois desde os fins do século XIX, não pode ser desprezada quando analisamos a vasta incorporação de trabalhadores com certo grau de qualificação em atividades ligadas ao estado, como técnicos industriais e profissionais liberais.

Constituiu-se um novo desafio aos sindicatos: incorporar uma grande massa de trabalhadores assalariados com pouca experiência de luta, nenhuma experiência de organização sindical, padrões de consumo diferenciados em relação ao conjunto da classe, vivências cotidianas e imaginário muito próximos da “classe média”. Ainda na década de 1940, a organização sindical começou estender-se, mesmo fracionada, aos setores não operários. Mais adiante, na década de 1960, o movimento sindical venceria este desafio e constituiria uma central sindical unitária que incorporou praticamente todos os trabalhadores uruguaiois.¹⁹²

Em 1942, o mesmo arco de forças políticas que deu apoio ao “golpe bueno” e combatia o terrismo procurou uma expressão no campo sindical, fundando a UGT, *Unión General de los Trabajadores*, criada sob impulso do PCU, de nacionalistas independentes, setores dos partidos tradicionais e setores do PSU. No congresso de fundação a UGT declarou seu apoio ao presidente Baldomir. No entanto, muito mais do que uma central operária surgida do próprio movimento dos

¹⁸⁷ MACHADO, op. cit., p. 133

¹⁸⁸ CAETANO; RILLA, op. cit., p. 163.

¹⁸⁹ DE SIERRA, op. cit., p. 440.

¹⁹⁰ TOURON, op. cit., p. 270.

¹⁹¹ RAMA, op. cit., p. 94.

¹⁹² Nos referimos aqui ao processo de fundação da CNT, *Convención Nacional de los Trabajadores*.

trabalhadores a UGT surgiu como uma construção de cúpula. Sua função primordial seria a criação de um canal de comunicação dos partidos com as massas, para que através disso os trabalhadores contribuíssem pressionando de acordo com os objetivos políticos já traçados pelos partidos: seguir a industrialização, combater os setores ditos “atrasados”, promover a luta antifascista, realizar mobilizações populares pelas liberdades democráticas e de solidariedade ao povos enfrentados com o nazi-fascismo.¹⁹³

Tudo isso já era uma aplicação por parte do PCU de uma linha definida pela 3ª Internacional diante da 2ª Guerra Mundial, linha de engajamento ativo no pólo aliado. Esta linha trouxe consigo uma súbita mudança de tom em relação ao capital estrangeiro por exemplo. Os capitalistas norte-americanos e ingleses, antes agentes do imperialismo e inimigos mortais da classe trabalhadora, passaram a ser, da noite para o dia, aliados na luta anti-fascista. Muita confusão imperou entre os trabalhadores que se orientavam seja no plano político, seja no plano sindical, pelo PCU.¹⁹⁴ Entretanto, isso não foi exclusividade do Partido Comunista Uruguaio; na Argentina causou perplexidade nos meios operários atitudes como o discurso de Rodolfo Guioldi num ato no Luna Park, quando diante da assistência de toda a elite portenha, que pela primeira vez ia escutar os “temíveis comunistas”, chegou a dizer: “Saúdamos a reorganização do Partido Conservador operada em oposição à ditadura.”¹⁹⁵

Também no Uruguai posições deste tipo aconteceram. Em agosto de 1941 o congresso do Partido Comunista firmou uma declaração onde “saúda calorosamente o esforço que realiza o senhor presidente da República, assim como o chanceler doutor Guani, visando à coordenação das forças para a defesa do continente americano”. Não foi a primeira nem a única declaração deste tipo emitida pelo PCU, mas é exemplar sobre a posição comunista. Porém, o momento de maior tensão e constrangimento para os comunistas foi durante a greve dos trabalhadores frigoríficos de 1943, denunciada pela própria central, a UGT, como sabotagem ao esforço de guerra.¹⁹⁶ Afinal, boa parte dos frigoríficos uruguaios eram de proprietários ingleses e norte-americanos, na época recém convertidos em aliados da URSS e do PCU. Estas tensões acabaram debilitando a UGT, seja entre os trabalhadores filiados, seja entre as diversas tendências de esquerda que haviam contribuído para sua formação. Os socialistas por exemplo, já no ano seguinte (1943) acabaram deixando a central e se unindo em torno de um Comitê de Relações Sindicais composto pelos sindicatos sob sua influência.

Entre os sindicalistas anarquistas um novidade interessante surgiu por esta época. Muitos militantes, descontentes com o anarco-sindicalismo da FORU, e em menor medida da USU, saíram destas centrais e optaram por outro tipo de militância sindical. Muitos deles seguiram se identificando como anarco-sindicalistas, outros apenas como anarquistas que militavam em sindicatos. Se agruparam no que se chamou “sindicatos autônomos”, desvinculados de todas as centrais. Muitos já criticavam e questionavam abertamente o anarco-sindicalismo por considerá-lo ultrapassado e sectário. De qualquer maneira, vários militantes anarquistas reintroduziam a concepção de um sindicato combativo, porém já sem os requisitos ideológicos do comunismo libertário. Por volta de 1943 estes sindicatos sob influência anarquista se coordenavam através do Comitê de Enlace dos Sindicatos Autônomos.¹⁹⁷ Na Argentina existiram experiências de organização específica dos anarquistas. Em 1935 foi fundada a FACA, *Federación Anarquista Comunista Argentina*, que realizou congressos em 1938, 1940 e 1951, quando mudou seu nome FLA, *Federación Libertaria Argentina*.¹⁹⁸ Estas experiências de organização foram conhecidas pelos uruguaios e desta forma contribuíram para o amadurecimento de uma organização anarquista uruguaia “No Uruguai existem várias tentativas na década de vinte, e no tempo

¹⁹³ TOURON; LANDINELLI, op. cit., p. 268.

¹⁹⁴ O Partido Comunista Uruguaio foi o único na América Latina a permanecer na legalidade durante 50 anos, demarcando também neste aspecto uma particularidade política do país.

¹⁹⁵ BELLONI, op. cit., p. 52.

¹⁹⁶ TOURON; LANDINELLI, op. cit., p. 269.

¹⁹⁷ Ibidem, p. 268.

¹⁹⁸ RAMA; CAPPELLETII, op. cit., p. XLIII.

da guerra civil espanhola, que são antecedentes de uma recente Federación Anarquista Uruguaya (F.A.U).”¹⁹⁹

Um grande diferencial em relação ao Brasil foi a permanência de um movimento anarquista de maneira bem mais sólida²⁰⁰, com uma quantidade de agrupações relativamente maior, mais atuantes e sem perder a inserção no movimento sindical. Com isso não queremos negar que existiram retrocessos no anarquismo uruguaio durante este período, mas apenas demarcar que ele não foi tão intenso quanto no Brasil, o que garantiu a formação de uma nova geração e uma perenidade muito maior:

“Durante as décadas de 30 e 40 a atividade dos grupos anarquistas do Uruguai - ainda que deva competir duramente, no campo operário e estudantil, com um pequeno mas disciplinado partido comunista surgido na década de 20 com o ambíguo lema ‘todo poder aos soviets’ -, não decaiu significativamente.”²⁰¹

A RECUPERAÇÃO ECONÔMICA E O “DECÊNIO GLORIOSO”

Na economia, o cenário melhorou muito para o Uruguai depois de 1942. As exportações aumentaram e o país se beneficiou com a 2ª Guerra Mundial, diversificando o destino das exportações e trocas comerciais. Isso, por sua vez, possibilitou ao país uma maior margem de manobra, jogando ora com os EUA, ora com os países europeus.²⁰² O excedente gerado pelas exportações foi direcionado pelo estado para a produção de artigos industriais para guerra, buscando incrementar mais ainda os dividendos conseguidos com o conflito.

Nas eleições de 1943 saiu vitorioso o candidato colorado Juan José Amézaga que consolidou o giro democrático iniciado por Baldomir e ampliou a legislação social do país.²⁰³ Na política internacional o tímido apoio aos aliados se converteu em defesa fervorosa. Um alinhamento total com os EUA foi o que aconteceu na fase final da 2ª Guerra Mundial. O principal marco desta postura foi a Conferência Panamericana de 1945. A partir de então o Uruguai seria o aliado mais forte dos EUA na região. Mesmo assim, uma grande oposição interna a estes vínculos evitou a instalação de uma base militar norte-americana no país, um desejo manifestado pelos EUA repetidas vezes naquele período.²⁰⁴ Na fase final da guerra a diplomacia uruguaia foi bastante ativa: reconheceu o governo da resistência francesa (o comitê de Argel), reconheceu a URSS (pondo fim ao corte de relações iniciado no governo Terra), reconheceu o governo que se formou após a queda de Mussolini na Itália, admitiu a intromissão norte-americana em seus assuntos internos e, já no final da guerra, o Uruguai, numa atitude ridícula, declarou guerra ao eixo.²⁰⁵

A guerra havia deixado um saldo excelente ao Uruguai. Os ingleses deviam 17 milhões de libras (que ficariam congeladas e indisponíveis por um bom tempo) e os norte-americanos 100 milhões de dólares para o país. Neste contexto foi possível ao movimento sindical arrancar algumas conquistas importantes: salário-família, indenização por demissões, seguro desemprego, o estatuto dos

¹⁹⁹ RAMA, op. cit., p. 77.

²⁰⁰ Muitas vezes se questiona esta avaliação se afirmando que no Brasil muitos grupos atuaram e que o anarquismo não desapareceu. Colocando de lado as afirmações exageradas que pretendem simplesmente eliminar qualquer resquício de atuação anarquista, nos parece fora de dúvida que um grande descenso do movimento anarquista aconteceu no Brasil a partir de meados da década de 1930.

²⁰¹ RAMA; CAPPELLETTI, op. cit., p. LXVII.

²⁰² DE SIERRA, op. cit., p. 442.

²⁰³ CAETANO; RILLA, op. cit., p. 165-166.

²⁰⁴ Ibidem, p. 167.

²⁰⁵ MACHADO, op. cit., p. 146.

trabalhadores rurais, férias anuais pagas, etc. Boa parte da legislação foi transcrita de leis peronistas²⁰⁶, embora poucos no governo admitissem esta incômoda inspiração.

Em março de 1947, assumiu a presidência o colorado da fração batllista Tomás Berreta, no entanto cresceram os votos dos blancos opositoristas. Pouco tempo depois de assumir, Berreta faleceu e assumiu o vice-presidente Luis Batlle Berres, sobrinho do Batlle já mencionado. Entre as mudanças constitucionais e as novas leis trabalhistas constava a instalação dos “conselhos de salário”, órgãos de mediação estatal entre patrões e trabalhadores, cuja principal função era esvaziar os sindicatos como entidade representativa dos trabalhadores e trazer para o âmbito estatal as decisões principais sobre as questões trabalhistas. Este novo mecanismo trouxe consigo o suborno de operários *amarillos*²⁰⁷, para que os mesmos conseguissem sair como delegados dos trabalhadores nos conselhos e tornassem os conflitos mais amenos. Fortes reações de rechaço aos conselhos de salários, incluindo a perseguição aos operários que se sujeitavam a cumprir papel de pelego, terminaram por inviabilizá-lo. Além do braço da lei, o estado utilizou sem nenhum pudor a repressão pura e simples contra o movimento operário. Durante uma greve de ferroviários, foi reabilitado o código penal de inspiração fascista, estabelecido na ditadura de Gabriel Terra. Novamente se propalava o discurso contra “os agitadores alheios ao espírito nacional”, que faziam “especulações políticas estranhas aos interesses sindicais”²⁰⁸. A pá de cal sobre a onda de repressão e a nova tentativa de cooptação sindical foi jogada com a greve geral de 30 de junho de 1947, convocada especificamente para protestar contra a tentativa de regulamentação sindical.²⁰⁹

De qualquer maneira a fase do pós-guerra, iniciou uma década de crescimento (1945-1955) apelidada no país “decênio glorioso”, com o avanço da industrialização e aumento da participação industrial na composição do PIB. Nesta década a economia uruguaia cresceu a uma taxa média de 8% ao ano, enquanto a média mundial era de 5%, a dos EUA de 3%, Europa 5,5% e apenas a URSS crescia a uma taxa de 8% ao ano. Mas, como sempre fora na história uruguaia, o financiamento deste crescimento econômico vinha de exportações do setor rural do país. O problema era que este setor conseguiu se manter em alta graças a um fator conjuntural de alta demanda do mercado externo, mas na verdade encontrava-se defasado tecnologicamente, com o volume de produção estancada e uma taxa de lucro descendente.²¹⁰

Vale a pena examinar um pouco mais detidamente alguns algarismos da economia uruguaia neste período de auge. Tomando como base 100 o preço dos principais produtos de exportação uruguaia, carne e lã, em 1945 no término da 2ª Guerra Mundial, temos a carne alcançado um preço 150 e a lã 125 no ano de 1947, início do mandato de Batlle Berres. Em 1951, término de seu mandato, a carne alcançou, seguindo esta escala, 220 e a lã 370; eram os efeitos da Guerra da Coreia, dando mais fôlego à economia uruguaia. Os resultados do direcionamento industrial das divisas oriundas das exportações foram muito claros. O volume de produção industrial duplicou, houve um aumento de produtividade através de uma maior extração de mais-valia relativa, e o conjunto industrial mais dinâmico (indústria química, metalúrgica, eletrotécnica e maquinaria) teve sua participação aumentada de 28% para 38% neste curto período. O número de indústrias disparou: de 11 mil em 1936 chegou a 26 mil em 1951. Também o número de trabalhadores industriais subiu de 30 mil em 1936 para 100 mil em 1948 e mais 200 mil em 1951.²¹¹

A burguesia uruguaia e também a “classe média” ascendente, viveram um período de verdadeira febre de consumo e ostentação. Os lucros alcançados neste período se transformaram não apenas em investimentos produtivos, mas também em remessas de lucro para o exterior (através de aberturas de

²⁰⁶ Ibidem, p. 152.

²⁰⁷ Trabalhadores *amarillos* ou *carneros*, amarelos, sinônimo de pelegos.

²⁰⁸ Ibidem, p. 155.

²⁰⁹ TOURON; LANDINELLI, op. cit., p. 271.

²¹⁰ CAETANO; RILLA, op. cit., p. 174.

²¹¹ MACHADO, op. cit., p. 156-157.

conta em bancos suíços), importação de artigos de luxo, compras de automóveis importados (muitos dos quais circulam e compõem a paisagem urbana de Montevideú até os dias de hoje) e construções de casas de veraneio na costa leste do litoral uruguaio. Data deste período a expansão do mais famoso balneário da burguesia ascendente e da classe média uruguaia, Punta del Leste.²¹² Antes do término do mandato de Batlle Berres foram estatizados alguns setores de serviços: transportes rodoviários (em dezembro de 1947), ferroviários (em 1948) e a companhia de águas (fevereiro de 1950). No caso das ferrovias foi uma espécie de cobrança contra os ingleses, dos quais o Uruguai era credor, mas não tinha como receber as libras congeladas.

Até que a crise se manifestasse de maneira mais evidente, a propaganda foi intensa, reforçou a imagem mítica do país e anunciava as glórias do Uruguai. Se vivia um clima de relativa bonança econômica. Foi a época em que a propaganda oficial repetia que o país era a “Suiça da América”, que “como el Uruguay no hay”.²¹³ O principal líder batliista, o ex-presidente Luis Batlle Berres (1947-1951), que depois seria presidente novamente, estimulava ainda mais o ufanismo uruguaio com declarações deste tipo:

“Faz alguns meses tive a oportunidade de viajar pela Europa e de ver um pouco como funcionam estes países. Assim, cheguei até a Suiça sobre a qual temos ouvido falar muito. Também temos ouvido muitas vezes que o Uruguai é a Suiça da América. Depois de haver visitado a Suiça eu posso assegurar-lhes que este país pode ser considerado como o Uruguai da Europa.”²¹⁴

Este período de euforia, que para muitos trazia novamente o espírito da década de 10 e 20, foi chamado de *neobatllismo*. Apenas alguns anos depois, este discurso seria motivo de piada nacional para os uruguaios.

²¹² Ibidem, p. 157.

²¹³ CORES, op. cit., p. 196-197.

²¹⁴ Discurso pronunciado por Luis Batlle Berres na cidade de Minas em 1954. Cf. DE SIERRA, op. cit., p. 431.